

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E
CRIATIVIDADE**

KELI CRISTINA DOS SANTOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os horrores da Guerra: uma análise da memória entre dois relatos de sobreviventes do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau durante o Holocausto.

Passo Fundo
2024

Keli Cristina dos Santos

Os horrores da Guerra: uma análise entre dois relatos de sobreviventes do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau durante o Holocausto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada, junto ao Curso de Graduação em História, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Marcelo Marcon

Passo Fundo
2024

Dedico esta pesquisa às memórias das vítimas do Holocausto. Com meu mais profundo respeito por suas vidas interrompidas, por suas histórias de dor e resiliência, e por suas vozes que quase foram silenciadas.

Dedico especialmente ao meu pai Milton (*in memoriam*) que sempre me ouviu contando minhas novas descobertas sobre dinossauros e sobre a Segunda Guerra e fingiu surpresa, me motivando a descobrir cada vez mais para que pudesse surpreendê-lo e orgulhá-lo. Para minha querida mãe Loreci (*in memoriam*) que esteve presente no início dessa jornada mas me deixou antes que eu descobrisse qual seria o destino final.

E, para meu companheiro de vida pelo carinho e paciência.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo ao meu amado pai, Milton (*in memorian*), que me conduziu até aqui, com sua personalidade admirada por tantas pessoas e incontestavelmente batalhadora que me ensinou nunca desistir. Sem seu exemplo de luta nada disso seria possível! Este trabalho representa mais uma conquista e lamento que me falte sua presença para contar-lhe minhas conclusões. Agradeço por me ensinar o valor de ser uma pessoa resiliente. À minha irmã, Jéssica, cuja presença foi meu farol de apoio durante os momentos de despedida, e se tornou meu alicerce, apesar das personalidades opostas.

Agradeço imensamente ao Rodrigo e a Pitoca, meus companheiros desta viagem complexa chamada vida, que sempre me apoiaram e impediram que eu desistisse, incontáveis vezes. Assim como, meus amigos e companheiros de jornada: Daiane, Huliana e Marina e, a mais recente, porém, igualmente importante Tatiane. E, principalmente ao Gustavo, que se fez presente como meu guia, sua inteligência foi minha fonte de inspiração.

Gratidão ao meu orientador Prof^o Dr^o Marcelo Marcon, por ter me recebido e aceitado me direcionar ao caminho certo, de forma admirável. Desejo poder contribuir para o avanço científico e acadêmico com a mesma ética e responsabilidade com a qual me conduziu. E aos professores do curso de História, que fizeram amadurecer a historiadora, tendo paciência, sabedoria e dedicação com a aluna, dedico este trabalho como representação do meu mais profundo respeito e gratidão.

Por fim, mas não menos importante, meu agradecimento mais genuíno às autoras das duas obras com as quais trabalhei para concluir esta pesquisa, Edith Eva Eger e Olga Lengyel (*in memorian*), pela coragem de expor as violações que sofreram, trazendo para a humanidade a oportunidade de conhecer suas histórias, que apesar de lúgubre, são sinônimos de perseverança e coragem, o que faz com que suas memórias necessitem ser eternamente honradas como testemunhos de determinação e força.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. A gênese do Holocausto: do Nazismo à construção dos campos de concentração.....	19
1.1. Antecedentes da Segunda Guerra Mundial: economia e política.....	19
1.2. Do comando de Hitler aos campos de concentração.....	26
2. Testemunhos da tragédia: explorando as páginas do passado.....	41
2.1. As vítimas da máquina da morte e a análise da memória.....	41
2.2. A mecânica do Holocausto: os métodos de extermínio.....	43
3. Memória de Libertação.....	57
3.1. Tragédia e Triunfo.....	57
3.2. Rumo a liberdade.....	67
Considerações finais.....	76
Fontes.....	79
Referências.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto de Adolf Hitler com pouco mais de vinte e cinco anos, tirada em sua estadia em um hospital durante a Primeira Guerra Mundial.....	28
Figura 2 - As Leis de Nuremberg: Lei de cidadania do Reich e Lei de proteção do sangue e da honra alemã.....	29
Figura 3 - Joseph Goebbels, ministro da propaganda do governo de Hitler, discursando na noite de 10 de maio de 1933.....	31
Figura 4 - Oficiais da milícia nazista colando cartazes de boicóte aos comércio judeus.....	32
Figura 5 - Mapa exposto na autobiografia de Nanette Blitz, onde representa com diferentes caracteres os campos de concentração, campos de extermínio, guetos e locais de massacres, espalhados pela Europa Nazista.....	32
Figura 6 - Imagem do campo de concentração de Dachau.....	33
Figura 7 - Imagem atual da vista aérea da entrada de Auschwitz, por onde os trens entravam no campo com milhares de deportados por dia.....	35
Figura 8 - Fotografia aérea da área de Auschwitz II - Birkenau, tirada no final da década de 1940.....	36
Figura 9 - Fotografia aérea de Auschwitz III - Monowitz, próximo a fábrica de borracha, após um ataque aéreo americano em 1945.....	36
Figura 10 - Reinhard Heydrich um dos principais arquitetos da “solução final”.....	39
Figura 11 - Hermann Göring no tribunal de Nuremberg.....	39
Figura 12 - Rudolf Höss, comandante de Auschwitz de 1940 a 1943, sua função principal era organizar a ala administrativa do genocídio, na foto, ele aparece minutos antes de sua execução.....	40
Figura 13 - Irma Grese apelidada por Lengyel de “o anjo loiro”, ficou conhecida na história como a “cadela de Belsen”.....	40
Figura 14 - Josef Mengele ao centro, junto de Rudolf Höss e Richard Baer.....	40
Figura 15 - Imagem do forno crematório do campo de Dachau com restos mortais, logo após a libertação em 1945.....	50
Figura 16- Portão de entrada que ostenta os dizeres ARBEIT MACHT FREI.....	51
Imagem 17 - Uma das filas de seleção onde judeus húngaros recém chegados em Auschwitz aguardavam para saber o destino que teriam, se a câmara de gás ou trabalho escravo.....	54
Imagem 18 - Vestígios do massacre que os aliados encontraram após a libertação de Mauthausen.....	58
Imagem 19 - Fotografia dos prisioneiros de Dachau na marcha da morte.....	61
Figura 20 - Edith Eva Eger.....	74
Figura 21 - Olga Lengyel.....	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DAP	Partido dos Trabalhadores Alemães
KPD	Kommunistische Partei Deutschlands
MEFO	Metallurgische Forschungsgesellschaft
NAZISTA	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei
NSDAP	Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
SS	Schutzstaffel

INTRODUÇÃO

Ao tratar do conceito de antissemitismo, automaticamente o século XX se faz presente na memória social, isso não se dá ao fato de tê-lo sido cunhado nesta época, mas sim, aos eventos históricos que se destacam na historiografia mundial. Mais precisamente, o antissemitismo se faz presente desde a antiguidade, quando o povo judeu se mantinha na posição de: o outro, na sociedade, alicerçada na divisão de povos dominantes e dominados. O antissemitismo se estabelece ainda, nos estereótipos negativos cunhados a partir da ideia de que os judeus estariam envolvidos na morte de Jesus Cristo, com base na religião cristã ocidental, sendo considerados o povo deicida, neste sentido, o povo judeu passou a ser retratado como culpados pelos males sociais e econômicos ao longo dos séculos.

Na primeira metade do século XX, a comunidade judaica sofreu diversos ataques em várias partes do mundo, quando leis discriminatórias antissemitas foram implementadas marcando de forma brutal a história contemporânea, cujo assunto será exposto ao longo deste texto. Sobretudo, na Europa, as teorias que se proliferaram associadas aos estereótipos muitas vezes infundados prejudicaram milhares de pessoas, onde cada determinante se baseou no extremismo de um grupo, o que fez com que um legado de sofrimento e um número excepcional de vítimas se instaurasse na história mundial, juntamente com o preconceito que permanece enraizados até os dias atuais, levando os judeus a enfrentar ataques e discriminação em várias partes do mundo, destacando a necessidade contínua de combater as formas de intolerância.

Entre os horrores da história da humanidade, há um capítulo sombrio que permanece como um lembrete angustiante dos níveis de crueldade que os seres humanos podem alcançar, sobretudo aqueles que são movidos por ideologias que não englobam um ponto crucial que são os direitos humanos ou simplesmente o respeito pelas outras pessoas. Durante os anos que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma atrocidade indescritível varreu a Europa, ceifando milhões de vidas¹ e deixando marcas profundas na história da humanidade. O ápice do preconceito foi a denominada “solução final” que foi a forma que os nazistas encontraram para dizimar em escala industrial aqueles que se enquadraram na divisão oposta da nação alemã idealizada pelo líder ditador Adolf Hitler (1889-1945), que tomou o poder da política da Alemanha se tornando Führer do país na terceira década do século XX. “Ao

¹ Documentando o Número de Vítimas do Holocausto e da Perseguição Nazista | Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>>.

assumir o poder ele impôs fidelidade máxima das forças armadas com um juramento” (Pires, p. 49), após a morte do então presidente Hindenburg.

Restringindo os direitos de judeus na sociedade, a perseguição gradual evoluiu para políticas de extermínio em massa com a implementação de campos de concentração. “No ano de 1935 foram anunciadas as primeiras leis que visavam a atingir especificamente os judeus, as ditas Leis de Nuremberg” (Schilling, 2016, p. 60), que determinava que os nascidos judeus não poderiam mais participar da vida pública do país e nem se casar com pessoas consideradas arianas². A partir da criação das leis, judeus de toda a Alemanha começaram a sofrer perseguições e ataques até ser determinada a prisão de todos que fossem adeptos ao judaísmo e transportadas aos campos. Um dos mais conhecidos e significativos para esta pesquisa se trata do campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau localizado no sul da Polônia, que iniciou sua execução por volta de 1940 e atualmente é conhecido como um dos campos com o maior número de homicídios daquele período.

Entre outros campos espalhados pela Alemanha e pela Polônia pode ser citado mais alguns exemplos como o campo de extermínio Treblinka o qual desenvolveu um sistema de trabalho que fazia a separação dos pertences e principalmente as jóias dos prisioneiros e o campo de extermínio de Sobibor, também localizados na Polônia ocupada pela Alemanha, cada um com algumas particularidades mas no geral todos tinham a mesma finalidade: eliminar milhões de judeus, ciganos, pessoas com deficiências, homossexuais, prisioneiros de guerra e dissidentes políticos.

Foram utilizadas diversas táticas como as câmaras de gás que foram projetadas nos campos para cremar a grande proporção de corpos das pessoas que eram enviadas para trabalhar e não resistiram às longas jornadas, doenças, e a fome intensa, e os fuzilamentos que aconteciam dentro e fora dos campos. Em suma, a solução final se define em extensas prisões projetadas por pessoas experientes nos ramos que se propuseram a desempenhar, para comportar milhões de pessoas à espera do dia da própria morte que também, se encontrava bem esquematizada.

Referente a ideia exposta por Bauman, Auschwitz, assim como todos os outros campos e políticas que foram construídas e postas em prática pelos nazistas e seus simpatizantes, foram estratégias meticulosamente pensada e estratificadas por especialistas nos ramos, não tratou-se de um plano maléfico esquematizado por vilões, para extorquir,

² Palavra que tem origem do Latim (*Arius*), mas que ainda no século XIX, baseando-se na teoria evolucionista de Charles Darwin, foi usada com o objetivo de denominar uma raça considerada “pura”, ou seja, que não teve um sua árvore genealógica nenhuma raiz miscigenada com outras etnias, que seja possível identificar.

matar, roubar ou maltratar. Apesar de tudo isso ter acontecido, o Holocausto tratou-se de esquemas organizados por pessoas em sua sã consciência mas que acreditavam em um plano de governo bem estruturado e planejado, tendo por base principalmente a morte de indivíduos, para que seus objetivos fossem alcançados.

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria-prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente registradas nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do moderno sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria-prima para as fábricas. E da mesma maneira que fazia com outros tipos de carga. Nas câmaras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresa projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mesmo o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado. O que testemunhamos não foi nada menos que um esquema de engenharia social em massa. (Feingold apud Bauman, 1998, p. 31)

Neste período, milhares de pessoas encontraram seu fim, como de fato estava previsto na operação de uma indústria que produzia em grande escala. No entanto, o Holocausto também incorporou ataques violentos, confisco de residências e posses, segregação, experimentos com cobaias humanas e esterilização forçada. As vítimas que sobreviveram enfrentaram e algumas ainda enfrentam diversos traumas emocionais e físicos, e muitas tiveram de conviver somente com a lembrança de suas famílias, em maioria mortas nos campos ou a caminho deles. O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, marcou também o fim do Holocausto quando muitos campos foram evacuados pelos próprios militares, abandonados ou libertos pelas tropas aliadas que se aproximavam, porém o período de confinamento deixou marcas profundas, e a necessidade de lembrar constantemente, as atrocidades que a determinação de pessoas com ideias extremistas podem alcançar, para evitar que contextos históricos carregados de ódio, preconceito e intolerância se repitam.

A partir da análise e comparação dos relatos das sobreviventes do Holocausto, coloca-se em xeque a ideia de que os fins justificam os meios, quando os meios levam apenas a morte e ao sofrimento de qualquer forma de vida, constatando assim, que tal argumento não pode ser validado. Enquanto, segundo a construção de Hobbes o homem nasce mau e só é bom quando precisa ser, evidência o caráter da sociedade nazista, que via em Hitler tal bondade justificando suas atrocidades no ato de autopreservação e poder, desta forma, assumindo o contrato social de proteção e segurança em troca de parte de sua liberdade.

Considerando as informações apresentadas, questiona-se a validade da ideia de que para vencer a guerra ou alcançar a tão almejada sociedade pura, especialmente quando o

processo, que neste caso trata-se do Holocausto, resulta em sofrimento e morte indiscriminados. Considerando, o papel desses elementos na análise dos impactos da guerra e das crueldades vivenciadas pelas mulheres, conforme narrado nas autobiografias das duas sobreviventes do Holocausto, durante o período de confinamento no campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau. Atentando para os relatos onde as autoras apresentam as mais variadas formas de assassinato, cujo cenário era constante em suas vidas durante o aprisionamento, as descrições são fundamentadas nas memórias sobre todos os incidentes que as vítimas viveram, também trazendo um ponto crucial dos relatos que foi a forma como sobreviveram a inúmeras atrocidades que quase às mataram.

Para justificar tais brutalidades, o partido nazista constituiu a “solução final” para neutralizar o que consideravam a pestilência da sociedade, trazendo para esta pesquisa a necessidade de analisar o impacto que esta proposta trouxe para a vida das vítimas. Como podemos compreender as decorrências do tempo de aprisionamento e em seguida da "Marcha da Morte" na vida das vítimas, considerando que após anos de conflito, culminando na derrocada do regime nazista, quando o partido procurou uma última investida rápida e econômica para ocultar seus crimes e eliminar os sobreviventes restantes?

Sobretudo se destaca a importância da memória na construção do conhecimento histórico, buscando a partir dos dois relatos responder tais questionamentos, uma vez que para Tedesco a memória é uma capacidade humana de armazenar informações, podendo posteriormente serem acessadas,

[...] por memória entende-se a faculdade humana de conservar traços de experiências passadas e, pelo menos em parte, ter acesso a essas pelo veio da lembrança. É nesse sentido que a memória parece fazer referência a uma ideia de persistência ou de reinvocação de uma realidade e de uma maneira intacta e contínua. (Tedesco, 2014, p. 37).

Desta forma, as vítimas que desprenderam-se do medo que carregavam sobre o rótulo de sobrevivente pelo fato de ser associada a tortura que sofreu, “W.G. Niederland cunhou então o conceito de ‘síndrome de sobrevivente” (Seligmann-Silva, 2002, p. 140), para definir o trauma. Conseguiram documentar e deram voz àqueles que sofreram com as investidas de serem silenciados pelo regime nazista, proporcionando a oportunidade de explorar a magnitude da tragédia e os eventos de coragem e sobrevivência em meio ao caos e à desumanidade do Holocausto. Buscando analisar o período de confinamento durante os anos de guerra e as atrocidades que a proposta de solução final foi capaz de cometer sobre milhões de pessoas, que em um dia viviam suas vidas da maneira como conheciam, e tempos depois precisaram largar suas casas e a sociedade em que viviam para lutar contra o descaso e a

violência dos campos de concentração, em meio a uma Europa que esmorecia na guerra, através das memórias escritas das duas sobreviventes.

Proporcionando uma base teórica e um embasamento necessário para a construção de um trabalho consistente, a análise da bibliografia permite a capacidade de compreender, embasar, contextualizar e comparar, pontos de vista sobre o mesmo evento, dando ao pesquisador o auxílio para fundamentar suas ideias excluindo informações equivocadas e contribuir para o avanço na sua área de estudos, com base na análise criteriosa das fontes documentadas. Tendo como fonte duas obras importantes para a história, onde as autoras relatam situações que foram obrigadas a viver sob comando de terceiros, sendo escritas em primeira pessoa e com informações de experiências vividas, disponibilizando ao leitor detalhes importantes que somente o próprio espectador poderia apresentar.

Considerando que as experiências traumáticas mexem com o emocional dos seres humanos e que em alguns casos o grupo social em que vivem podem alterar mesmo que minimamente a percepção do indivíduo sobre suas próprias ações, Souza em uma análise da memória traumática de torturados durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), usando como base teórica a obra de Halbwachs explica que, “A memória coletiva subterrânea dos grupos dominados sobrevive através de sua transmissão em níveis mais profundos, [...]” (Souza, 2013, p. 21), em outras palavras, quando o indivíduo se conecta com suas memórias mais dolorosas os relatos se tornam mais profundos e detalhados.

Quando o ato de testemunhar se refere a um acontecimento traumático, que expôs o indivíduo à dor e ao sofrimento físicos e psicológicos, o quadro em torno do resgate da memória se torna ainda mais complexo. Se colocar na posição de testemunha de um evento traumático é, como dito, retirar o trauma do passado e colocá-lo frente a frente com seu narrador no momento presente. (Souza, 2013, p. 22)

No entanto, Souza afirma que na posição de narrador de um acontecimento traumático a pessoa, influenciada pelas dolorosas lembranças tende a esquecer situações e lembrar de coisas que são “fruto de sua imaginação assombrada”, trazendo o questionamento: o que de fato ocorreu? Todavia, Tedesco afirma que a memória é a condição do ser humano onde se guarda imagens a fim recapitular conhecimentos ou sentimentos de situações passadas.

Nesse sentido, a memória precede cronologicamente a lembrança e pertence à mesma parte da alma a que pertence a imaginação. Ela passa a ser uma coleção ou recolhimento de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. Nesse sentido, a reminiscência não é algo passivo, mas é sempre uma tentativa de recuperação de um conhecimento ou sensação já existente anteriormente. (Tedesco, 2014, p. 38)

Ressaltando que apesar de poder ser ameaçada pelo esquecimento ou acréscimos involuntários, a memória documentada, neste caso, as bibliografias oferecem oportunidades de comparar pesquisas e relatos para compreender determinados contextos. “O grande teórico da micro história, Ginzburg, mostra como é possível articular na lembrança um núcleo racional/irracional e expressá-lo numa possível visão de ‘razão articula’.” (Tedesco, 2014, p. 39). Por tanto, a história pode ser representada não somente por acontecimentos que serviram discurso, fontes e fatos para a pesquisa científica mas também, de elementos considerados pequenos ou até mesmo irrelevantes como o uso das mentalidades, o sentimento coletivo, emoções e práticas interligadas a uma sociedade.

Levando em consideração que a memória como fonte é um campo que necessita extremo cuidado ao ser abordada, uma vez que, a memória em decorrência dos eventos que dizem respeito ao trauma e as experiências ruins, em alguns casos se resumem às lembranças que tendem a potencializar tais momentos e esquecer outros específicos, representando assim, uma parte da realidade. Neste caso, contrapondo com historiadores que nos oferecem uma visão historiográfica dos eventos, podemos analisar as memórias que estão em concordância com o contexto histórico e como as autoras descrevem suas experiências nos textos. Também, como as memórias foram expressadas na escrita, através da análise do discurso, considerando a visão do Orlandi sobre as estruturas utilizadas que expressam ideologias, crenças, e relações de poder apresentadas nas escritas. Tendo em conta, que a proposta para este trabalho tende a estar em conformidade com o período de tempo estipulado para a escrita e devidas correções.

Utilizamos como fonte de pesquisa para este texto os livros: *Os fornos de Hitler* com sua versão traduzida para o português sendo publicado em 2018, escrito por Olga Lengyel e *A Bailarina de Auschwitz*, sua tradução em português publicada em 2019, escrito por Edith Eva Eger. São autobiografias que relatam situações que as duas presenciaram dentro do campo, porém o diferencial está no foco do conteúdo, enquanto Olga Lengyel relata detalhadamente a brutalidade dos eventos tendo como objetivo expor as circunstâncias, a fim de culpabilizar todos os envolvidos e descrever o cenário conforme ela vivenciou. Edith Eger tenta trazer conforto para o leitor enquanto relata sobre a perversidade a qual ela sobreviveu, focando mais na sua recuperação e como ela conseguiu superar os traumas de toda violência, após sua libertação do campo.

No livro *Os fornos de Hitler*, em sua primeira versão em inglês tendo como título *Five Chimneys: The Story of Auschwitz*, publicado no ano de 1947 por Olga Lengyel (1908-2001), quando se estabeleceu em Nova York nos Estados Unidos, depois do final da guerra. Lengyel, nascida no então Império Austro-Húngaro, apresenta em vinte e sete capítulos sua história no

contexto da guerra. Iniciando por um parágrafo que deixa claro sua opinião distorcida com base nos acontecimentos que levaram a morte de sua família assim que chegaram no campo, os primeiros anos de guerra e como os fatos ocorreram no dia de seu aprisionamento até a sua embarcação nos trens de carga de gado, detalhando os eventos que aconteceram ainda durante a viagem enquanto via pessoas morrendo em pé pela desnutrição, por doenças provocadas pelas péssimas condições no transporte ao qual eles permaneceram por sete dias até o desembarque em Auschwitz e pelo contato constante com os cadáveres que não foram retirados do trem durante a “viagem”.

Ainda descreve a seleção responsável pela separação dos seus filhos e de seus pais e, todas as atrocidades que vieram em seguida. Lengyel relata o próprio campo e as fases dos eventos, quando foi selecionada para trabalhar na enfermaria, quando acompanhava os nascimentos das crianças que eram assassinadas logo em seguida sem que ela pudesse evitar, e os métodos que eram utilizados em todas essas situações, ainda, Lengyel relata como acontecia seu contato com os envolvidos na administração e nos setores do campo, o grupo de resistência que havia dentro do campo composta por prisioneiras, a qual ela se filiou a fim de lutar para se manter viva por uma causa, e as experiências científicas que aconteciam em Auschwitz.

Em alguns capítulos ela expõe como aconteceu seu encontro com Josef Mengele (1911-1979), nascido na Baviera no antigo Império Alemão, que desempenhava a função de médico e comandante de Auschwitz na época, também conhecido como o “anjo da morte”³, e Irma Grese (1923-1945), nascida em Feldberger Seen Landschaft município da Pomerânia Ocidental que atualmente faz divisa nacional com Brandemburgo na Alemanha, também apelidada pelas prisioneiras de “o anjo loiro” ficou conhecida como uma das oficiais da SS mais sádica a se tornar supervisora sênior de Auschwitz. Por fim, Lengyel relata como conseguiu se libertar durante a marcha da morte⁴. Ao fugir correndo durante a noite, quando o grupo de aproximadamente 6 mil mulheres liderado por soldados da SS (*Schutzstaffel*)⁵, pararam para passar a noite em uma aldeia polonesa.

A vida de Olga Lengyel no pós-guerra até 15 de outubro de 2001, quando veio a falecer, foi dedicar-se à educação e à memória das pessoas que perderam sua vida por conta

³ Apelido dado a Mengele pelos prisioneiros, pelo fato de ele distribuir os que chegavam a Auschwitz entre a fila das câmaras de gás e a fila dos prisioneiros saudáveis que iriam trabalhar nos campos.

⁴ Extensas caminhadas que os nazistas forçaram os prisioneiros a completar, para fugirem dos campos que estavam próximos às linhas de frente enquanto as tropas aliadas se aproximavam, durante as longas caminhadas muitos não resistiam sendo deixados largados no meio do caminho assim como aqueles que tentavam fugir e eram mortos alvejados.

⁵ Organização que operava de forma parecida com militares em defesa dos interesses políticos ligados ao partido nazista.

do Holocausto. Em 1946, depois de dedicar um tempo à sua própria recuperação, Lengyel mudou-se para os Estados Unidos buscando um novo começo. Após publicar seu livro, passou a concentrar seus esforços como uma das fundadoras do *Memorial Center for Holocaust Studies* também em Nova York, onde fixou residência e trabalhou como educadora e autora, sempre em busca de divulgar sua visão sobre o Holocausto para influenciar as futuras gerações a evitar que tal ato ocorra novamente. Em 2003, após o seu falecimento foi criado o *The Olga Lengyel Institute for Holocaust Studies and Human Rights*, através de uma doação que a autora fez para criar a instituição, a fim de preservar a memória do Holocausto e oferecer programas para o desenvolvimento pessoal e a promoção dos direitos humanos.

Do mesmo modo, em *A Bailarina de Auschwitz*, em sua versão original tendo como título *The Choice*, Edith Eva Eger nascida em Košice cidade localizada na Eslováquia, descreve seu aprisionamento em capítulos, iniciando em como era sua vida antes da guerra, em seguida, detalhando o dia em que foi presa, aos 16 anos, junto com sua família por conta de sua ascendência judaica. Depois, quando foram encaminhados para o campo, até chegarem na seleção, Edith e uma de suas irmãs, Magda M. Elefant (1922-2017) ainda juntas de sua mãe, cujo destino foi as câmaras de gás, permaneceram unidas até serem libertas. Depois de ser transferida de Auschwitz para Mauthausen⁶, que logo foi evacuada pelos nazistas por conta da aproximação de tropas americanas, elas foram forçadas a caminhar na marcha da morte até Gunskirchen⁷, onde Edith se alimentou de grama para sobreviver enquanto via algumas outras pessoas se alimentando de carne dos cadáveres que estavam ao seu redor.

Em resumo, Eger foca a maior parte de seu livro nos relatos do período após a sua libertação e como conseguiu se recuperar dos traumas físicos que sofreu, e passado tempo, como conseguiu chegar a cura do impacto psicológico que manteve consigo no momento em que se tornou esposa e mãe, chegando ao fim somente com seu retorno, após anos, para Auschwitz com o propósito de superar suas aflições psicológicas que a impedia de constituir uma vida normal, mas, com o diferencial de carregar junto de seu nome a titulação de sobrevivente, anos mais tarde Edith tornou-se psicóloga especializada em estresse pós traumático e escritora.

Após a libertação do campo, Edith Eva Eger foi resgatada com um estado de saúde muito debilitado e passou a se recuperar, em um tempo estimado em meses, em um hospital da Suíça. No final da década de 1940, Eger migrou para os Estados Unidos junto de seu

⁶ Complexo de campos de concentração nazistas construídos a cerca de 20 km da cidade de Linz, na Áustria.

⁷ Município da Áustria onde os nazistas alemães responsáveis pelo campo de Mauthausen alojaram os prisioneiros sobreviventes na tentativa de esconder seus crimes.

marido Béla Eger, onde fixou residência no Texas e dedicou-se a aprender a nova língua falada no novo local de moradia, assim como a sua cultura, em busca de adaptação. Assim, determinada conquistou o título de bacharel em Psicologia e depois de doutora em Psicologia Clínica, dando início a sua carreira profissional, onde aborda sua experiência de vida com as práticas clínicas, tratando de pessoas com estresse pós-traumático depois de sua especialização. Hoje com 96 anos, Edith Eva Eger vive na Califórnia, Estados Unidos, com seus três filhos e muitos netos e bisnetos, e continua atuando como palestrante focado em sua área de atuação, em concordância com sua experiência de vida.

Por fim, Lengyel descreve como foi o período durante e após a libertação dos prisioneiros de Auschwitz que aconteceu por volta de janeiro de 1945, assim como, Eger expõe sua vida baseada nos traumas, mesmo que já houvesse liberdade e a esperança de que a vida voltaria à normalidade, as experiências traumáticas que aconteceram durante o período de cárcere e as perdas que ocorreram, tiveram forte influência nas vidas das autoras, como por exemplo, a autocobrança de Lengyel sobre a morte de seus pais e filhos ou a quantidade de tempo que Eger levou após a libertação para se recuperar da lesão em sua coluna vertebral ou em seu subconsciente. Mesmo que um determinado incidente possa pesar mais do que outro, sempre terá um resquício daquilo que ocorreu, assim poder-se-à ser explorado as memórias relacionadas com as circunstâncias e os traumas que permaneceram, ainda que haja uma distância temporal do acontecido para o registro, mas que manteve-se arquivado em memória para ser redigido posteriormente da maneira como cada uma assimilou cada evento.

O primeiro capítulo deste trabalho busca estabelecer uma análise sobre o tempo histórico da pesquisa explorando as diversas facetas do acontecimento, levando em consideração que esta pesquisa seja acessada por leitores que não estão completamente familiarizados com o assunto abordado no início do tema. Dedicando-se a estabelecer um recorte temporal, desempenhando um papel fundamental na delimitação da extensão adotada para este estudo, influenciando diretamente na interpretação e compreensão dos resultados, visando informar não somente o público acadêmico, mas também, possíveis leitores externos à academia sobre os acontecimentos anteriores ao Holocausto.

Neste caso a importância de adotar um período específico visa não somente, contextualizar as transformações mas também, alcançar uma análise mais detalhada e significativa do processo em questão, identificando padrões e tendências que só o contexto possibilitaria. Assim, necessitando esclarecer o contexto em que se passa os relatos das duas sobreviventes do holocausto e os eventos que decorrem da guerra na sociedade. A começar pela situação econômica do pós primeira guerra, e as mudanças significativas do

desenvolvimento imperialista, que levou o início do século XX, ligar-se através de uma complexa teia de eventos, processos econômicos, políticas expansionistas e rivalidades nacionais que moldaram o curso da história mundial. O período pós-guerra testemunhou uma recuperação econômica instável e o surgimento de movimentos totalitários em diferentes países europeus, levando a Europa a presenciar a ascensão de líderes ditadores e a construção de campos de concentração para o extermínio em massa de milhões de pessoas.

No segundo capítulo, busca-se descrever os procedimentos que o Partido Nacional-Socialista concretizou para cumprir o plano de limpar a sociedade alemã, dos judeus, os quais foram colocados na posição de pestilência, desumanizando-os e subjogando-os ao ponto de serem exterminados. Observando as informações contidas nos relatos das duas sobreviventes será analisada a proposta de “solução final”, considerando todas as táticas administradas pelos nazistas no campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau. Para esta etapa da pesquisa, será utilizado a análise da memória e do discurso, através da narrativa formulada pelas sobreviventes. Buscando compreender o contexto em que foram inseridas, as inúmeras situações traumáticas que se depararam e, a crueldade com que pessoas motivadas por ideologias extremistas, são capazes de agir.

Neste sentido, analisar-se-á, as memórias relacionadas ao contexto histórico e o discurso que as autoras utilizam para descrever o trauma, decorrente dos assassinatos de recém nascidos dentro dos campos que uma das autoras foi obrigada cometer, a dieta precária dos prisioneiros como parte da metodologia de extermínio, o sistema de operação dos fornos crematórios, a viagem nos trens de carga e de gado que os deportados eram obrigados a realizar até a chegada no campo.

Concluindo, no terceiro capítulo, será abordado o contexto final da Segunda Guerra Mundial, quando as tropas das forças aliadas se aproximavam dos limites geográficos a ponto de forçar os guardas e administradores dos campos de concentração a tomar medidas rápidas, a fim de encobrir seus atos perversos e, buscar uma forma de assassinar rapidamente e sem gastar a munição, que aquela altura se fazia necessária, o restante dos prisioneiros que ainda se mantinham vivos nos campos. Para isso, os oficiais tomaram medidas drásticas com a cremação de documentos relacionados ao campo e aos prisioneiros, a destruição e o incêndio dos fornos crematórios construídos e diversas outras estruturas nos campos.

Por fim, a trilha realizada a pé que atravessava de um estado a outro, seguindo em direção a outros campos mais distantes da linha de frente, conhecida como a “Marcha da Morte” a longa caminhada que os sobreviventes foram obrigados a realizar, acabou por matar mais um grande número de prisioneiros que já se encontravam em um estado deplorável de

saúde. Neste contexto, uma das autoras conseguiu escapar com vida ainda durante a travessia, ao aproveitar uma pausa para descanso durante a noite e fugir junto de outra companheira, tendo durante a fuga alguns moradores próximos à região que disponibilizaram abrigo, o que permitiu esconder-se dos nazistas que às procuravam. Em contrapartida, a outra autora relata os momentos da jornada em direção a Mauthausen e a chegada no campo de concentração, junto de poucas outras pessoas, em especial sua irmã que se manteve ao seu lado até a liberdade depois da chegada das tropas ao campo, poucos dias depois.

De maneira concisa, ao analisar o papel da memória no contexto histórico, poder-se-á ter uma compreensão das complexas relações que moldam o passado e influenciam na construção de narrativas e identidades coletivas. Através da elaboração desta narrativa com base nas memórias, a historiografia pode ser reinterpretada, refletindo não somente sobre a realidade objetiva mas também dos acréscimos e percepções distintas da época, podendo ser contraposto com interesses contemporâneos. Portanto, este estudo se propõe a explorar não somente os eventos específicos mas também os mecanismos pelos quais as memórias são formuladas, preservadas e contestadas, levando a compreender as relações entre passado e presente, ao fazê-lo busca-se um entendimento mais profundo sobre os processos históricos e sua influência nas relações da sociedade atual.

1. A gênese do Holocausto: do Nazismo à construção dos campos de concentração

Neste presente capítulo busca-se contextualizar o recorte temático e temporal da pesquisa, limitando o quadro do período entre guerras onde o Partido Nazista começou a tomar estrutura, e a conjuntura que incentivou o início da Segunda Guerra Mundial até a construção dos campos de concentração e os objetivos que motivaram seu planejamento tendo em vista que as autoras foram aprisionadas nesse período.

1.1. Antecedentes da Segunda Guerra Mundial: economia e política.

A ascensão do nazismo no período entre guerras foi um evento marcante na história do mundo, sobretudo para a Europa que se encontrava não somente, em um decurso econômico controverso, mas também se recuperando de um período belicoso recentemente terminado. Anteriormente, ainda no século XIX a expansão imperialista abriu caminho para que nações menos desenvolvidas iniciassem um extenso processo de industrialização, focalizando na busca por matéria-prima para alimentar sua produção.

O cerne da análise leninista (que se baseava abertamente em vários autores da época, tanto marxianos como não marxianos) era que as raízes econômicas do novo imperialismo residiam numa nova etapa específica de capitalismo que, entre outras coisas, levava à "divisão territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas", configurando um conjunto de colônias formais e informais e de esferas de influência. (Hobsbawm, 1988, p. 60)

No início do século XX os Estados Unidos logo emergiu como uma superpotência devido a sua rápida industrialização, “[...], as economias industriais americana e alemã avançaram a passos agigantados e que a revolução industrial se estendeu a novos países” (Hobsbawm, 1988, p. 38), isso resultou em um crescimento econômico significativo, transformando o país de uma economia agrária a uma potência de exportação industrial. A produção em massa, impulsionada por inovações tecnológicas permitiu que o país servisse como um fornecedor aos europeus principalmente no período de guerra. Participando do imperialismo que até então se estendia à Europa, os Estados Unidos da América iniciou uma intensa investida no capitalismo comercial.

Com isso, se propagou o espírito capitalista e consumista entre a sociedade, que se tornou um estilo de vida americano (*American Way of Life*). “[...], a peculiaridade desta filosofia de avareza parece ser o ideal de um homem honesto, de crédito reconhecido e, acima de tudo, a ideia do dever de um indivíduo com relação ao aumento de seu capital”. (Weber,

1980, p. 183) Um cidadão honesto, trabalhador, pagador de seus impostos deveria zelar pelo seu crescimento pessoal e o sucesso de seu país, todo esse “espírito” consumista se ligava diretamente ao sucesso da industrialização e do comércio que tendia a crescer cada vez mais.

No entanto, com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os Estados Unidos forneceu um alto número de empréstimos para os países europeus se recuperarem dos investimentos na guerra, com a certeza de que teria um retorno lucrativo já que o dólar no momento se tratava de uma moeda referência para o mundo, aos poucos conforme se reergueu, a Europa foi diminuindo a necessidade dos produtos americanos cuja economia girava, em maioria em torno de suas indústrias e de produtos exportados, principalmente a Alemanha que se organizou ao ponto de ter uma economia independente.

Seja como for, o que destacamos aqui é a defasagem pronunciada entre trocas externas e produção, principalmente na Europa depois de 1932, o que confirma o aumento do isolacionismo em favor dos países industrializados; no terreno internacional, não se “joga mais o jogo”. Uma das palavras-chave dos anos 1930 foi autarquia; (Gazier, 2009, p. 13)⁸

Sendo assim, erroneamente a diminuição da venda de mercadorias para o exterior não foi motivo para moderar o número de fabricação nos Estados Unidos, uma vez que no setor econômico não havia nenhuma interferência de órgãos que pudessem estabelecer uma estratégia a fim de não haver prejuízos. Enquanto a classe operária trabalhava em extensas jornadas para manter a produção de bens de consumo a todo vapor, a distribuição de renda continuou desigual, então, como a população americana não tinha poder aquisitivo muito grande em relação a quantidade de produtos que eram vendidos, e a demanda do exterior caiu drasticamente acabou gerando uma crise de superprodução no país. Com o governo se recusando a interferir nos assuntos econômicos por conta do Liberalismo, que segundo Silva e Silva (2009) trata-se de uma política econômica que exclui a intervenção estatal e acredita no auto equilíbrio de mercado, a banalidade da obtenção de empréstimos bancários facilitava a acumulação de dívidas entre os cidadãos.

Os investimentos em ações da bolsa de valores se mostrava o emprego de dinheiro rentável e seguro para os americanos de classe média, tudo corria bem, as indústrias fabricando com total ímpeto, era viável comprar uma pequena porcentagem da empresa e esperar o dinheiro render juros, todavia, quando a população se deu conta que as indústrias não iam tão bem como imaginavam, o medo coletivo fez com que todos que tinham dinheiro investido tentassem reavê-lo vendendo suas ações ao mesmo tempo, em questão de horas,

⁸ Autarquia: organização descentralizada com autonomia administrativa e financeira criada legalmente.

com milhões de ações no mercado o preço desvalorizou levando ao conhecido *Crash* da bolsa de valores de Nova York ou a quebra da bolsa.

A evolução dos três anos entre 1929 e 1932, apesar de não-originada em rupturas de 24 horas como esta, seria igualmente catastrófica. Enquanto o resto do mundo perdia seu interesse por Wall Street, a Bolsa de Nova York se limitava a refletir a queda dos negócios e da produção, como em quase todos os demais mercados financeiros. (Gazier, 2009, p. 7)

Enquanto isso, o número de produtos fabricados superou em alta escala a quantidade de procura, gerando acúmulo de produtos que não eram vendidos. “O crescimento dos estoques ao longo de todo o ano de 1929 permite ver aqui um componente importante da queda da demanda.” (Gazier, 2009, p. 23). A população em crise diminuiu drasticamente a procura por bens de consumo, isso fez com que a economia das indústrias entrasse em um círculo vicioso, os produtos não saíam de estoque automaticamente não gerava a entrada de dinheiro em caixa, sem dinheiro não havia como pagar os salários dos operários, isso gerou demissões em massa e a falência de milhares de empresas no país.

O progresso técnico continuou e até se acelerou na Era da Catástrofe, transformando e sendo transformado pela era das guerras mundiais. Embora na vida da maioria dos homens e mulheres as experiências econômicas centrais da era tivessem sido cataclísmicas, culminando na Grande Depressão de 1929-33. (Hobsbawm, 1988, p. 93)

“O desencadeamento oficial da Grande Depressão aconteceu em 24 de outubro de 1929, com a queda repentina das cotações da Bolsa de Nova York, ao fim de uma expressiva ascensão iniciada em 1927” (Gazier, 2009, p. 6). Neste cenário de empresas falindo, “O que surpreende no aumento do desemprego no período de 1929-1932, além de sua amplitude, é que ele não é seguido por uma nova queda simétrica, com exceção da Alemanha.” (Gazier, 2009, p. 14) A população estadunidense que acabara de ficar desempregada não tinha como sustentar os produtos de primeira necessidade, quanto mais, ser atraída a adquirir novos produtos fabricados para manter o estilo de vida consumista intensamente propagado pelo sistema capitalista.

Para tentar sair da crise crescente no país, as pessoas que tinham depositado em poupanças nos bancos que também eram grandes investidores da bolsa de valores, começaram a reivindicá-los, o que fez com que milhares de bancos decretassem falência. “Esses mecanismos não deram muito certo em 1932-1933. As recuperações foram efêmeras, não trouxeram melhoras e, na maioria das vezes, passaram despercebidas pelo público” (Gazier, 2009, p. 22). “Daí o impacto central, traumático, do desemprego em massa sobre a política dos países industrializados, pois foi este o significado primeiro e principal da Grande

Depressão para o grosso dos habitantes.” (Hobsbawm, 1995, p. 98). Esse foi o cenário de crise na economia capitalista que se instaurou em 1929 e continuou nos anos seguintes, ao se verem na miséria econômica a população entrou em estado calamitoso de medo e fome, tanto de forma coletiva como particular, havendo um número de suicídios elevado nessa época o que para Gazier se trata de um mito, no entanto, ele afirma que “É provável que alguns gestos espetaculares de desespero tenham ido ao encontro de uma expectativa coletiva de justiça; (Gazier, 2009, p. 18), neste contexto, novos partidos políticos, tanto de extrema direita quanto de extrema esquerda tiveram a oportunidade de se consolidar.

“A Primeira Guerra Mundial devastou apenas parte do Velho Mundo, sobretudo na Europa. [...] Em suma: entre as guerras, a economia mundial capitalista pareceu desmoronar.” (Hobsbawm, 1995, p. 91) Alemanha que não estava diferente do restante dos países capitalistas que estavam em processo de industrialização e se recuperando de altos investimentos na Primeira Guerra Mundial, e ainda responsabilizada através do Tratado de Versalhes a pagar pesados impostos para reaver os danos causados pela guerra aos países aliados, afundou-se ainda mais em um grande prejuízo monetário. “Inúmeros autores atribuem ao esgotamento dos empréstimos americanos em favor da Alemanha, durante o ano de 1928, a primeira retração da atividade industrial, anunciadora do desastre nesse país fundamentalmente devedor à época.” (Gazier, 2009 p. 25). Sendo assim, os países que deveriam reaver os empréstimos solicitados não chegaram a abafar minimamente os danos da crise, muitos deles saindo em situações favoráveis ou com dívidas paralisadas, a oscilação de entrada de capital “chegam ao auge durante a crise financeira internacional de 1931, que resulta na destruição do padrão de câmbio-ouro.” (Gazier, 2009, p. 26)

Neste contexto, como a sociedade alemã se tratava em maioria de proprietários de fábricas com alto poder aquisitivo, assim como a maioria dos países industrializados, e com a confiança no sistema capitalista abalada e, temendo as dimensões que o movimento operário pudesse alcançar, uma vez que, ao se ver em meio a crise e ao desemprego os trabalhadores das indústrias uniram-se reivindicando direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho e cargas horárias condizentes com seus salários, dando abertura para que o Partido Comunista dos Trabalhadores (*Kommunistische Partei Deutschlands* - KPD), tendo como raízes teóricas as obras escritas de Karl Marx e Friedrich Engels⁹ tome forma e conquiste espaço nas

⁹ Karl Marx (1818-1883), nascido na Prússia, foi um sociólogo e historiador, foi um dos autores de: O Manifesto Comunista, publicado em 1848 em meio a um processo de lutas; Friedrich Engels (1820-1895), nascido na Alemanha junto com Marx, fundou o Manifesto Comunista.

indústrias capitalistas. Isso tornava “O medo da revolução social, e do papel dos comunistas nela, era bastante real” (Hobsbawm, 1995, p. 116).

Desempenhando um papel significativo na história alemã, tentando promover os ideais comunistas, o partido levou a agitação popular às indústrias, alimentada pela crise econômica pós Primeira Guerra como vantagem, buscando influenciar as massas trabalhadoras na tentativa de construir uma frente unida contra as ideologias extremistas que se acendiam na época, e a exploração dos menos afortunados. “A ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral” (Hobsbawm, 1995, p. 127)

Todavia, com o discurso de recuperação nacional, pregando principalmente a extinção de desemprego no país, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), foi cada vez mais ganhando popularidade na Alemanha. Temendo o comunismo crescente, o partido nazista viu no movimento mais um elemento que representava ameaça ao desenvolvimento industrial do país, no fim da guerra de trincheiras a mentalidade política dos alemães se tornou um terreno fértil para o fortalecimento de ideias extremistas, com um discurso bem estruturado a sociedade passaria a teme-lo ainda mais, abrindo caminho para o partido tomar o poder.

Mais que uma batalha de partidos conservadores, autoritários e socialistas, o período entre 1930 e 1945, foi marcado por uma complexa teia de relações internacionais que acabaram por influenciar a Segunda Guerra Mundial, cujo conflito tomou grandes proporções que remodelou o cenário geopolítico do mundo durante o século XX. “Não é fácil discernir, depois de 1933, o que vários tipos de fascismos tinham em comum, além de um senso em geral de hegemonia alemã.” (Hobsbawm, 1995, p. 120). Testemunhando a ascensão de líderes autoritários como Adolf Hitler na Alemanha, Benito Mussolini (1883-1945) na Itália, Hirohito (1901-1989) no Japão que buscaram afirmar sua soberania nacional e expandir sua influência subjogando massas através de uma política agressiva e expansionista, materializando-se em invasões a países vizinhos para anexar seus territórios, como por exemplo a invasão da Polônia pela Alemanha no ano de 1939, o que rompeu em uma reação em cadeia que levou ao início do conflito.

Na madrugada do dia 1º de setembro de 1939, as forças armadas alemãs transpuseram a extensa fronteira comum e invadiram as planícies polonesas com seus tanques. Não houve declaração de guerra. Um incidente forjado na fronteira serviu como pretexto para o ato agressivo. A *Wehrmacht* usou a tática da penetração veloz com tanques (*Panzers*), seguidos pela infantaria mecanizada e, por último pela infantaria a pé, apoiada no ar pelo bombardeamento realizado pela *Luftwaffe*. As cidades polonesas foram indiscriminadamente atingidas. (Gonçalves, 2005, p. 167)

A falta de uma ação internacional eficaz e coesa que limitasse a ambição expansionista dos regimes fez com que agravasse ainda mais a hostilidade entre eles.³

[...] o desejo de tornar a Alemanha a nação mais poderosa do mundo, subjugando as demais, havia se combinado perversamente com a covardia dos demais estadistas europeus, que não souberam contê-lo no momento certo, tornando então a guerra inevitável. (Gonçalves, 2005, p. 168).

Após sofrer com as consequências da crise que exacerbou as tensões entre as potências, a competição por recursos naturais, mercados e influência global que o imperialismo difundiu e do tratado dos vencedores¹⁰, as políticas protecionistas e o nacionalismo econômico intensificaram-se ainda mais. “De modo geral, consideravam uma insensatez imaginar que os alemães se conformariam para todo o sempre com as duras cláusulas do Tratado de Versalhes” (Gonçalves, 2005, p. 171). A Alemanha adotou então, uma política de autossuficiência buscando através da conquista de territórios os recursos naturais que seriam investidos na máquina de guerra¹¹. “Uma Alemanha revigorada servia para contrabalancear uma excessiva influência francesa” (Gonçalves, 2005, p. 171), uma vez que, o cenário político francês interagiu de maneira complexa com a ascensão do nazismo, criando tensões significativas na região. As ambições territoriais alemã e a retórica belicista representavam uma ameaça para os vizinhos ocidentais mas também para os franceses, que se viam diante de uma potência militar e ideológica crescente. As divisões internas e a falta de consenso político na França, muitas vezes limitavam a eficácia das medidas que adotavam para a necessidade de deter o progresso nazista.

Emergindo de forma notável e robusta, a Alemanha adquiriu medidas decisivas para estimular sua economia, investindo em educação, e infraestrutura. A ênfase no desenvolvimento e na pesquisa, impulsionou a competitividade alemã em setores importantes, como a manufatura de alta tecnologia, automotivos e energias renováveis, essa abordagem permitiu que o país diversificasse suas bases econômicas, tornando-o menos suscetível a flutuações globais. Com isso, conseguiu reforçar sua posição de líder exportadora, sendo conduzido pela qualidade de seus produtos, o que gerou um aumento na economia e agregou na acumulação de reservas financeiras fortalecendo ainda mais a capacidade de enfrentar crises futuras. Joaquim Miguel Couto: professor associado do Departamento de Economia da

¹⁰ Apelido dado ao Tratado de Versalhes, pelo fato de ter sido determinado pelos países que venceram a Primeira Guerra Mundial, enfatizando a França e a Inglaterra, com o intuito de culpabilizar a Alemanha por todo dano causado, a fim de subjugar o país e reaver os territórios por ele conquistado.

¹¹ Conjunto de recursos e estratégias adotadas pelos exércitos durante o conflito, tais como, exército terrestre, marinha, aeronáutica e a mobilização de produção em massa para suprir as necessidades da guerra no que se refere às vestimentas, armas, bombas e recrutamento de soldados.

Universidade Estadual do Maringá, publicou na revista *Economia e Sociedade*, um artigo que expõe medidas adotadas pela Alemanha para enfrentar os problemas da crise após a Primeira Guerra Mundial, onde o governo já comandado por Adolf Hitler cria uma sociedade fictícia para a circulação de uma ação financiada pelas maiores empresas alemãs da época, a Mefo (*Mettalurgische Forschungsgesellschaft*).

Essa empresa privada emitiria títulos (Saques Mefo), garantidos pelo governo, e que poderiam ser descontados na rede bancária alemã, depois de determinado prazo. Os bancos, por sua vez, poderiam trocar os Saques Mefo por marcos diretamente no caixa do Reichsbank, respeitando também certos prazos. Os títulos pagariam juros de 4% ao ano. O governo alemão, de posse desses títulos, passou a pagar suas despesas com as empresas fornecedoras por meio dos Saques Mefo, sem emitir papel-moeda. As empresas, entretanto, preferiram não descontar os títulos, pois rendiam juros anuais significativos para uma economia estabilizada. (Couto, 2008, p. 332)

“Os nazistas emergiram nas circunstâncias da década de 1920, após perderem a Guerra Mundial, com o povo alemão oprimido e humilhado e cambaleando de uma crise econômica e política para outra” (Rees, 2020, p. 50). Alguém deveria ser responsabilizado pelos anos de miséria e desespero que o país enfrentou. É importante abordar esse tema com sensibilidade, pois a narrativa criada para justificar as ações dos nazistas giram em torno de preconceitos infundados e ideologias extremistas. Mas neste caso, podemos analisar alguns fatores que foram explorados para culpar os judeus pelas instabilidades dos anos anteriores. Disseminando a narrativa antissemita de quem seria o verdadeiro causador, através de um discurso meticulosamente elaborado e uma oratória persuasiva, os princípios nazistas se espalharam por toda a Europa, assim como o próprio partido foi ganhando apoiadores.

Dizia Hitler que “só um anti-semita pode ser um verdadeiro anticomunista”. Para ele, o judeu era inassimilável; a sua presença impedia o regresso aos valores salvadores da germanidade; o seu internacionalismo - pela sua dispersão, mas também porque era base das internacionais capitalista e comunista - era um suicídio para os povos entre os quais vivia; era a “anti-raça”. (Michel, 1977, p. 78)

Tal estratégia, na verdade, tinha a função de bode expiatório para desviar a atenção da sociedade das reais causas dos problemas e canalizar a insatisfação para um alvo específico. Assim, boa parte da elite alemã compartilhavam da mesma ideia disseminada pelos nazista, “sobretudo após o assassinato do czar Alexandre II em 1881 por revolucionários sociais. Aqui, uma estrada reta conduz do antissemitismo de base ao extermínio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.” (Hobsbawm, 1995, p. 123). Na tentativa de criar um inimigo em comum, associando o povo judeu com o Partido Comunista, propagandearam intensamente a sugestão maliciosa de que os judeus estavam por trás de planos globais para promover o

comunismo. Levando em consideração o estereótipo de que os judeus ocupavam cargos importantes, comandavam instituições financeiras e meios de comunicação para justificar a hostilidade.

A narrativa do inimigo da nação deu força para o impulso que o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães necessitava para subir ao poder. Com seu início conturbado, durante as condições políticas e sociais do pós I Guerra, ainda em 1919, o partido toma forma com a participação de Anton Drexler (1884-1942) e Adolf Hitler que tornou-se a voz e o rosto do partido, fazendo com que rapidamente se tornasse um dos partidos mais influentes e controversos da história contemporânea, surgiu como uma solução radical que buscava capitalizar a insatisfação popular, incorporando elementos nacionalistas, o antissemitismo, anti-comunismo com a proposta de restaurar a glória de outrora e combater as supostas ameaças externas e internas.

Começando a época de diversas transformações, o marechal Paul Von Hindenburg (1847-1934), “foi um general alemão que ganhou renome durante a Primeira Guerra Mundial e mais tarde como presidente da República de Weimar” (Paul Von Hindenburg, República de Weimar, Arquivos do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Washington, DC), ainda que rejeitando os preceitos que Hitler trazia ao partido, não demorou muito para ter de aceitá-lo. A rejeição sofrida deixou o ditador ainda mais obstinado a tomar o poder, isso fez com que Hitler desfizesse seu apoio a política do então presidente, Hindenburg logo foi questionado pelos membros do conselho, pois não seria viável estar em oposição a um partido que estava ganhando renome político. Somente no ano de 1933 os nazistas ocuparam 230 cadeiras no parlamento, nomeando Hitler como chanceler.

1.2. Do comando de Hitler aos campos de concentração

Em primeiro momento é importante elucidar que não se pode atribuir os resultados da guerra somente a um homem, pois, junto a ele, existiram diversas mentes que estão por trás de cada serviço executado em honra dos princípios nazistas. Ideais que trazem consigo a discriminação e o ódio empregados em chacinas e privação de liberdade. E antes de mais nada a lógica nazista, que revela-se como uma ideologia profundamente estruturada na concepção da hierarquia racial e na utilização da violência como método de alcançar os objetivos políticos e sociais propostos pelo partido. Promovendo a ideia da raça ariana superior e na exclusão e eliminação das demais consideradas inferiores, essa política se estendeu para além das fronteiras alemãs, sendo adotada nos territórios conquistados ao longo da guerra.

Neste contexto, além das significativas personalidades na composição do sistema de produção de mortes, Adolf Hitler foi a figura com maior destaque na história, pelo fato de ser uma pessoa pública que influenciou as massas, exibindo abertamente sua política extremista e expondo seus pensamentos racistas. O que fez com que boa parte da Europa se identificasse e apoiasse a sua forma de governo, deixando claro que havia um número considerável de pessoas que compactuavam dos mesmos pensamentos.

[...], três fatores, isolados ou em conjunto, podem fazer com que uma pessoa comum perca suas inibições contra atrocidades violentas: a autorização da violência através de práticas normatizadas e com papéis específicos; a desumanização da vítima, por meio de doutrinação; e a invisibilidade do caráter moral da ação ou acobertamento deste. (Kelman apud Abal, 2018, p. 31)

Nascido na Áustria em 1889, Adolf Hitler (1945) é filho de Alois Hitler (1837-1903) e Klara Pölz (1860-1907), terceira esposa de Alois. Tornou-se a figura central da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Sua carreira militar começou em Munique, após se alistar como voluntário para o exército da Baviera. Logo Hitler se mostrou um bravo soldado recebendo algumas medalhas de condecoração no processo.

Durante a Primeira Guerra Mundial ele se feriu em combate mas isso fez com que consolidasse sua visão política. “Basta que aqui se constate que, já nos primeiros anos da juventude, eu havia chegado a uma opinião que nunca mais me abandonou, mas, pelo contrário, cada vez mais se fortificou.” (Hitler, 2016, p.17)

Enquanto servia, Hitler foi muito elogiado por oficiais superiores pela bravura que demonstrava e, sua experiência só reforçou seu patriotismo, tornando-o um nacionalista apaixonado. Nesse ínterim, nunca deixou de desenhar já que seu sonho desde jovem era entrar para a Academia de Belas-Artes, a qual o rejeitou, seu dotes artísticos, no entanto, tiveram utilidade ao consolidar o partido nazista, contribuindo para a criação do logo que mais tarde ficaria conhecido e repudiado no ocidente, pelo contexto que representa, a suástica¹².

Após o final da guerra, quando se viu desempregado, logo foi chamado para trabalhar como espião para o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), por conta de seu reconhecimento enquanto soldado. Aceitando a proposta no ano de 1919. Logo, deslumbrando-se com a política de Anton Drexler¹³ (1884-1942), foi se envolvendo cada vez mais com as propostas do partido. Ser um orador indescritível e com uma forte tendência à

¹² Encontrado em muitas culturas e religiões, os nazistas apropriaram-se do símbolo usando-o como representação da identidade ariana, neste caso os braços são apontados no sentido anti- horário, ou seja, para a direita.

¹³ Agitador político de extrema-direita que fundou o Partido dos Trabalhadores Alemães - DAP, antecessor do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães - NSDAP.

liderança, foi fundamental na manipulação psicológica, que logo fez a carreira de Hitler decolar em uma velocidade desenfreada, e junto com ela sua visão da sociedade, cuja interpretação estaria diretamente associada ao antissemitismo, da Europa do século XIX. “Em poucas semanas, o hitlerismo colocou a Alemanha sob seu domínio, mantendo aparências de legalidade” (Michel, 1977, p. 52)

Figura 1 - Foto de Adolf Hitler com pouco mais de vinte e cinco anos, tirada em sua estadia em um hospital durante a Primeira Guerra Mundial



Fonte: Pereira, Joseane. Fracasso e alvo de chacota: a verdadeira imagem de Adolf na Primeira Guerra Mundial. Aventuras na História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-falsa-imagem-do-fuhrer-na-primeira-guerra-mundial.phtml>

O antissemitismo é uma forma de preconceito e intolerância direcionada a comunidade judaica. Ao longo da história, a discriminação baseada na religião, etnia e cultura, se manifestou de diversas maneiras desde a antiguidade, os judeus têm enfrentado perseguições e discriminação em várias partes do mundo, desde a diáspora judaica que se seguiu com a destruição do Templo de Jerusalém em aproximadamente 70 d.C. “Tornado povo errante desde a diáspora no século II, os judeus tiveram que habituar-se a viver como minoria no seio de sociedades estranhas e hostis a eles.” (Schilling, 2016, p. 21) Espalhando-se por diferentes regiões, tornou-se comum encontrar minorias entre as mais diversas culturas. Em conjunto com estereótipos negativos criados ao longo da história e as interpretações errôneas, como os mitos medievais que acusava os judeus de estarem associados a morte de Jesus Cristo, e a avareza que fazia com conspirassem para controlar governos e economias, contribuíram para a formação do antissemitismo. Mas, seu auge foi durante o regime nazista, que influenciados por pensadores racistas desenvolveram uma ideia, de que a “raça branca era mais qualificada que as demais e que essa superioridade havia sido determinada senão que pela mãe Natureza” (Schilling, 2016, p. 50) Considerando que as demais, seriam então, divididas em inferiores ou dominadas por haver miscigenação com outras genéticas.

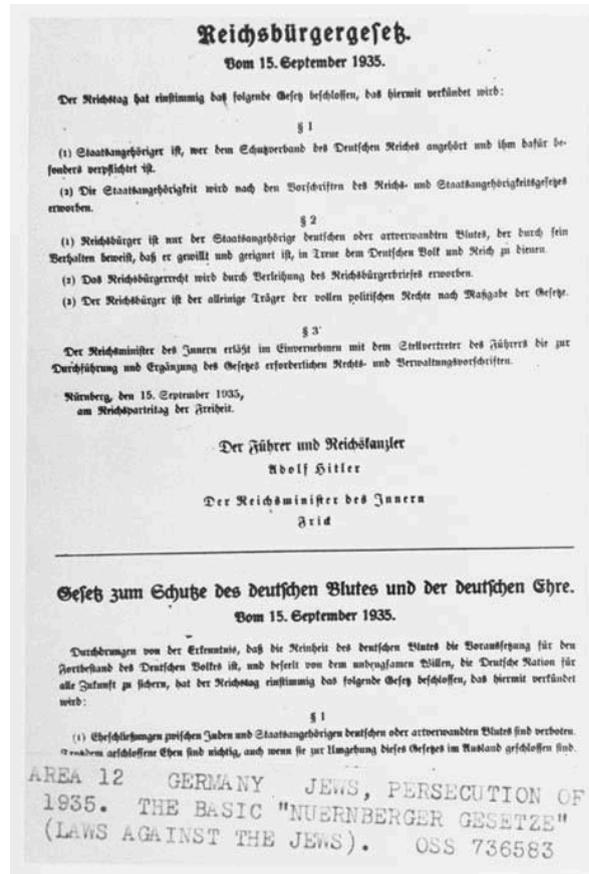
“Hitler orquestrou para as massas certos temas dos quais não era o autor, mas formavam no fundo do nacionalismo alemão, e aos quais as circunstâncias davam uma força persuasiva singular, que na excitação oratória entrava em transes de epilético” (Michel, 1977, p. 55). A propagação do antissemitismo por Hitler, inicialmente foi observada em discursos característicos que levavam a população ao delírio nacionalista. Em determinado discurso, logo após o incêndio que aconteceu na sala plenária do Reichstag, em fevereiro de 1933, Hitler utilizou sua retórica em frases que poderiam direcionar pensamentos, já contaminados por discursos de ódio, a identificar os criminosos como sendo os judeus.

O governo nacional considera as duas religiões cristãs como os mais ponderáveis fatores para a manutenção de nossa nacionalidade. [...] Mas ele não poderá tolerar que o simples pertencer a uma determinada religião ou a uma determinada raça, implique na dispensa de deveres legais gerais e até a liberdade para comportamentos criminosos, ou na tolerância a crimes. (Araújo, 2019, p. 120)¹⁴

Gradativamente, a vida dos judeus na Europa Nazista foi ficando cada vez mais difícil e limitada. “No ano de 1935 foram criadas as primeiras leis nazistas que visavam a atingir especificamente os judeus, as ditas Leis de Nuremberg,” (Schilling, 2016, p. 59) que legalizou a discriminação racial contra a comunidade judaica entre a sociedade alemã. As leis determinavam a proibição de casamentos entre alemães e judeus e retiravam-os dos direitos de cidadania, baniu os nascidos judeus de ocupar cargos públicos em toda a Alemanha, assim como, os que já estavam empregados eram obrigados a entregarem seus cargos à pessoas definidas pelo partido, privando-os de direitos fundamentais e marginalizando-os economicamente, e restringindo o acesso a educação, diminuindo o acesso à universidades e oportunidades educacionais e, conseqüentemente a perspectiva profissional.

¹⁴ Discurso de Hitler em 1933, em um famoso teatro de ópera de Berlim, que se tornaria sede de reuniões do parlamento. Logo depois do incêndio no Reichstag.

Figura 2 - As Leis de Nuremberg: Lei de cidadania do Reich e Lei de proteção do sangue e da honra alemã



Fonte: Álbum de fotografia. As Leis de Nuremberg. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/nuremberg-laws-photographs?parent=pt-br%2F11475>

Neste período turbulento, vale destacar ainda, que Adolf Hitler, contou com outra estratégia de manipulação ideológica que moldou não apenas a opinião pública, mas também, contribuiu para a subida meteórica do partido nas graças da população. A máquina de propaganda, deixada sob os comandos de Joseph Goebbels (1897-1945) “seu fiel líder de comunicação e propaganda,” desempenhou um papel fundamental na construção da narrativa do nacional-socialismo, “pois Goebbels tinha competência e expertise para manipular tanto as massas como as elites.” (Machado, 2021, p. 16) Transmitindo mensagens arbitrárias que visavam consolidar o apoio popular ao regime.

As propagandas eram meticulosamente elaboradas para moldar a opinião pública evocando intensas emoções e influenciando na formação de imagens distorcidas sobre a realidade, essas mensagens criadas habilmente molduravam com técnicas de manipulações psicológicas a opinião da população, promovendo que as ideologias nazistas, eram as únicas soluções para os problemas que a sociedade enfrentava na época do pós-primeira guerra.

“Todas essas estratégias discursivas fortaleciam seu governo, Hitler acreditava que dessa forma sua imagem política seria preservada e reproduzida pelos seus simpatizantes e disseminada na sociedade como um todo.” (Machado, 2021, p. 17)

Figura 3 - Joseph Goebbels, ministro da propaganda do governo de Hitler, discursando na noite de 10 de maio de 1933



Fonte: Propaganda e censura nazista. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda-and-censorship>

A glorificação da superioridade racial, a idealização da figura do Führer eram elementos fundamentais na construção da rede de propagandas. As narrativas coesas e bem elaboradas fortaleceram a consolidação do controle totalitário no país, a utilização intensa de cartazes com frases de efeito com imagens que representavam a força do partido ou a violência com que os inimigos da nação estavam dispostos a alastrar, matérias em jornais ou rádios carregadas de informações deturpadas, e filmes determinados pelo partido, assegurou que a narrativa nazista permeasse todos os momentos da vida cotidiana da população, transformando a propaganda um instrumento onipresente. A doutrinação engenhosa, permitiu que a mente dos alemães se tornasse um terreno produtivo para a aceitação da generalização do preconceito, e da discriminação que a política antissemítica violenta estava prestes a conceber.

Figura 4 - Oficiais da milícia nazista colando cartazes de boicóte aos comércio judeus



Fonte: Anti-semitismo. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/antisemitism-photographs>

Todavia, a propagação do antissemitismo não se limitou somente as palavras e leis, mas sim, sendo orquestrado em grandes proporções o genocídio sistemático de judeus, que resultou em milhões de mortes em campos de concentração e extermínio.

Devemos reforçar a tese de que o genocídio judeu não foi obra de um país de pessoas insanas levadas por uma figura política sedutora. A civilização moderna certamente se envergonha do genocídio judeu, mas este não existiria sem aquela. O genocídio talvez tenha sido o ápice indutrial do século passado. (Abal, 2018, p. 30)

Os primeiros campos de concentração foram utilizados sob pretexto de isolar e marginalizar aqueles que eram considerados indesejáveis, prisioneiros de guerra que eram capturados e especialmente adversários comunistas e democratas-sociais e outros opositores, eram enviados aos campos como forma de aprisionamento e subversão daqueles que lutavam contra o regime. Não se tratando de uma ínfima elaboração para corroborar com os caprichos de um líder, mas sim, uma extensa rede de organizadores, apoiadores e perpetradores, logo, a Europa se tornou um cenário cartográfico cheios de pontos vermelhos e caveiras que simboliza na legenda da história um período conturbado e trágico.

Figura 5 - Mapa exposto na autobiografia de Nanette Blitz, onde representa com diferentes caracteres os campos de concentração, campos de extermínio, guetos e locais de massacres, espalhados pela Europa Nazista



Fonte: Konig, Nanette Blitz. *Eu sobrevivi ao Holocausto*. 1ª ed. São Paulo: TRGD, 2018. Pág. 130.

O primeiro campo que começou a operar na cidade de Dachau, próximo a cidade de Munique, “se localizava nas dependências de uma fábrica de munição abandonada, próxima à parte nordeste da cidade de Dachau, a cerca de 16 quilômetros ao noroeste de Munique, no sul da Alemanha. Os primeiros transportes de prisioneiros chegaram ao campo no dia 22 de março de 1933.” (Criação do Campo de concentração de Dachau, Paul Von Hindenburg, Arquivos do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Washington, DC). Tornou-se um protótipo dos milhares que se seguiram, no entanto, não tardou a restabelecer o público alvo dos campos, rapidamente começaram a abrigar judeus, ciganos, homossexuais e outras minorias junto aos prisioneiros, que também eram detidos sob acusação de criminosos de guerra.

Figura 6 - Imagem do campo de concentração de Dachau



Fonte: Dachau: Fotografia. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/dachau-photographs>

Contudo, o ponto de virada da perseguição aconteceu na noite de 09 de novembro de 1938, a chamada “Noite dos Cristais”, cujo nome se dá devido a quantidade de cacos de vidro que ficaram espalhados pela rua depois que ocorreu o massacre e a destruição de lojas e sinagogas judaica. “O jornal da SS, Das Schwarze Korps (“O Corpo Negro”), vinha incitando o povo contra os judeus com termos cada vez mais radicais nos meses que antecederam a Kristallnacht. E após os ataques houve mais surtos de ódio.” (Rees, 2020, p. 131) Enquanto a opinião daqueles que presenciaram a devastação segundo: “Um relatório da polícia registrou que “o populacho tem visões divididas”, com a maioria das pessoas acreditando que “toda essa destruição era desnecessária”. “Essas reações diversas à atrocidade que ficou conhecida como “Kristallnacht” – Noite dos Cristais”. (Rees, 2020, p. 130)

Esse episódio marcou uma clara transição aos tratamentos discriminatórios para a violência física e psicológica direta. A política mais agressiva por parte dos nazistas, foi se acumulando em um plano sistemático de eliminar grupos inteiros de pessoas, que começou a se materializar em campos de extermínio, onde o genocídio em massa foi se orquestrando com métodos cada vez mais eficientes. “Para os milhares de judeus enviados a campos de concentração após a Kristallnacht, a experiência foi obviamente traumática.” (Rees, 2020, p. 130) Ainda, a invasão da Polônia pela Alemanha em setembro de 1939, e a construção do

campo de concentração e extermínio de Dachau que se compreenderia como sendo o “botão de início” da máquina de morte, depois dele muitos outros viriam a ser construídos e postos a operar, entre eles Auschwitz. Todo o período, até meados de 1945, se tornaria, para um número extenso, muito mais que traumático.

A guerra também levou a uma expansão geral do sistema de campos de concentração, com a abertura de novos campos pelos nazistas no território ocupado. Em 2 de setembro de 1939, um dia após a invasão da Polônia pelos alemães, foi criado um campo de concentração na cidade de Sztutowo (Stutthof para os alemães), perto de Danzig. (Rees, 2020, p. 154)

Auschwitz teve sua inauguração como campo de concentração e extermínio no início de 1940, no local onde antes era um antigo quartel de artilharia do exército Polones. “Este campo, o Auschwitz original, foi estabelecido perto do Rio Sola, junto à cidade de Auschwitz, e montado em torno de vários antigos alojamentos de tijolo vermelho do Exército Polonês.” (Rees, 2020, p. 154) Um ano depois, no mês de outubro começou a ser construída a segunda unidade do campo, Auschwitz II Birkenau, onde se concentraria a maior quantidade de escravos e os maiores prédios do campo, que abrigava os fornos crematórios e uma câmara de gás, projetados para a “solução final”. No ano de 1942, inaugura-se o terceiro subcampo nas proximidades de Cracóvia na Polônia, Auschwitz III ou Auschwitz Monowitz que comportava a fábrica de borracha sintética, em Monowice, um bairro de Oswiecim, onde está localizado Auschwitz.

O complexo nazista se tornaria anos mais tarde um campo independente, com seus subcampos, e divisão interna em setores, separados por cercas eletrificadas e arames farpados, onde muitos prisioneiros se suicidaram, lançando-se contra essas cercas com elevado potencial elétrico, causando a morte instantânea. Os setores do campo abrigava pessoas em diversos grupos, o campo das mulheres, o campo dos homens, o campo dos ciganos, o campo dos húngaros, entre outros. Auschwitz foi estruturado justamente por sua posição estratégica, num cruzamento ferroviário, onde as linhas férreas de Praga e Viena se cruzavam com as de Berlim e de Varsóvia. Assim, facilitando o transporte de escravos de guetos e cidades de diversas partes da Alemanha e da Polônia.

Figura 7 - Imagem atual da vista aérea da entrada de Auschwitz, por onde os trens entravam no campo com milhares de deportados por dia



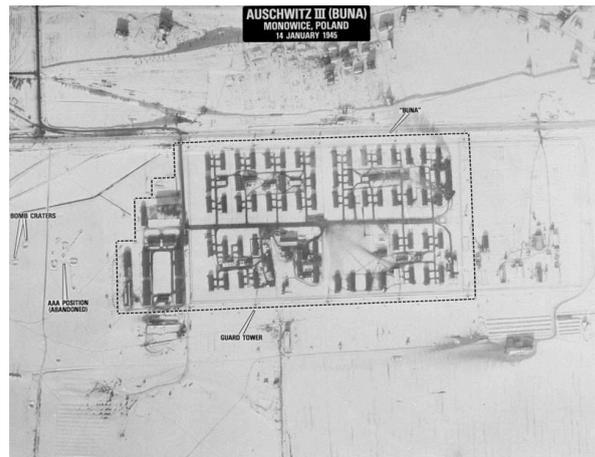
Fonte: Gonzalez, Pablo. Símbolo do Holocausto, libertação de Auschwitz completa 75 anos. Brasil de fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/27/simbolo-do-holocausto-libertacao-de-auschwitz-completa-75-anos>

Figura 8 - Fotografia aérea da área de Auschwitz II - Birkenau, tirada no final da década de 1940



Fonte: Fotografias e mapas de Auschwitz. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/aerial-photograph-of-auschwitz-birkenau>

Figura 9 - Fotografia aérea de Auschwitz III - Monowitz, próximo a fábrica de borracha, após um ataque aéreo americano em 1945



Fonte: Fotografias e mapas de Auschwitz. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/aerial-photograph-of-auschwitz-iii>

A vida no campo era uma experiência de desumanização extrema, os prisioneiros enfrentavam condições de sobrevivência insuportáveis, jornadas de trabalho exaustivas, e dietas escassas, chegando ao limite da crueldade nas câmaras de gás de Birkenau, onde milhares de vidas foram ceifadas em um esforço de limpar a sociedade dos elementos indesejáveis. E, isso só foi possível com uma grande rede de apoio que fizeram o nazismo um sucesso na sua elaborada administração das máquinas de mortes nos anos que durou, pode-se citar alguns dos nomes dos milhares de colaboradores dessa política de extermínio que se espalhou pelo país. (Schilling, 2016, p. 56)

Um dos principais envolvidos na administração da solução final, foi Reinhard Tristan Eugen Heydrich, nascido em 1904, na Prússia no antigo Império Alemão, cuja carreira militar girou em torno do comando de exércitos espíões alemães, assim como “esteve também, encarregado das infames unidades móveis de extermínio da SS, os *Einsatzgruppen*”. (Gerwarth, 2013, p. 16). Heydrich é um dos nomes mais conhecidos e falados quando se trata do séquito nazista, sua morte premeditada pela resistência tchecoslovaca em 1942, o tornou o centro das atenções em inúmeras produções textuais e documentários para televisão, até os dias atuais. “[...], instruído pelo segundo homem mais poderoso da Alemanha nazista, Hermann Göring, a encontrar uma ‘solução final para o problema judaico’ na Europa, uma solução que, no verão de 1942, culminou no assassinato indiscriminado e sistemático dos judeus na Europa.” (Gerwarth, 2013, p. 17). À semelhança de Rudolf Franz Ferdinand Höss (1901-1947), nascido em Baden-Württemberg, antigo Império Alemão.

Em abril de 1940, quando Rudolf Höss foi transferido de Sachsenhausen e nomeado comandante do campo de Auschwitz, ele não tinha ideia de que a instalação que iria criar e dirigir se tornaria o cenário do maior assassinio em massa da história do mundo. As ordens que recebera não foram de construir um campo de extermínio, mas uma versão mais extrema de Dachau – o campo “modelo” dirigido por Theodor Eicke, no qual Höss fora originalmente treinado. A cidade de Auschwitz, Oświęcim em polonês, ficava na Alta Silésia, uma parte da Polônia que os nazistas queriam germanizar, e o propósito do novo campo de Höss era disseminar o terror entre a população polonesa local. (Rees, 2020, p. 154)

Assim como, Irma Grese nascida em 1927, de origem simples, filha de um leiteiro filiado ao Partido nazista e de uma mãe cuja morte foi autoprovocada, foi citada diversas vezes por Olga Lengyel, como sendo uma das mais cruéis guardas femininas que estiveram no comando de Auschwitz, com apenas 18 anos quando assumiu o posto de guarda de um dos campos de concentração do III Reich destinado às mulheres, “o ‘anjo loiro de Belsen’, como

seria mais tarde chamada pela imprensa, usava um chicote com liberdade. Golpeava onde desejasse, nós resistíamos como podíamos. Nossos gritos de dor e jorros de sangue faziam-na sorrir.” (Lengyel, 2018, p. 108). Grese foi presa e condenada à morte por asfixia na forca, com “22 anos, foi executada por um tribunal militar.” (Lower, 2014, p. 125)

Dentre os mais temidos segundo as sobreviventes e, talvez um dos mais dedicados a sua função na máquina da morte, na teia dos nazistas carcereiros, destaca-se Josef Mengele, nascido em 1911 na Baviera, no Império Alemão, assumiu o comando e, “de maio de 1943 até janeiro de 1945, atuou como um dos médicos do campo de Auschwitz, onde executou, segundo o testemunho de muitos sobreviventes, seleções para as câmaras de gás e para seus experimentos brutais, particularmente com gêmeos.” (Galle, 2011, p. 269) Mengele, foi um dos muitos nazistas que abandonaram os campos e fugiram para se esconder das acusações por seus crimes de guerra, viveu uma vida fugindo, e morreu de ataque cardíaco no Brasil, aos 67 anos.

O médico é citado diversas vezes em ambas as autobiografias analisadas, como sua função em Auschwitz era de selecionar as pessoas que chegavam para filas ordenadas, à esquerda os que iriam direto para as câmaras de gás e à direita aqueles que viveriam por mais um dia, Edith Eva Eger relata que logo na chegada ao campo, depois de longos dias em um vagão de trem em movimento, ela fica cara-a-cara com Josef Mengele, pela primeira vez. “Avançamos lentamente até nos aproximarmos de um homem que, com um movimento de dedo indicador, decidirá nossos destinos. Ainda não sei que esse homem é o Dr. Josef Mengele, o infame Anjo da Morte.” (Eger, 2019, p. 50) Eger ainda esclarece suas primeiras impressões sobre o oficial:

Conforme avançamos na direção dele, não consigo desviar meu olhar dos seus olhos dominadores e frios. À medida que nos aproximamos, vejo, de relance, os dentes separados quando ele sorri, o que lhe dá um ar juvenil. Sua voz é quase gentil ao perguntar se alguém está doente e indicar aos que diziam sim que sigam para o lado da esquerda. (Eger, 2019, p. 50)

Ao confrontarmos os horrores perpetrados durante o Holocausto, nos deparamos com a mais deprimente faceta da história humana e as cruéis façanhas de homens para com homens. As cicatrizes deixadas pelos assassinos do Holocausto, deixaram marcas profundas tanto no tecido da humanidade quanto na consciencia coletiva. As câmaras de gás e as barbáries cometidas nos confins de Auschwitz são testemunhas da crueldade e da brutalidade de carrascos, que desafiam a compreensão humana e exige que as pessoas enfrentem as consequências históricas das ações da própria humanidade: Belsen, um campo de concentração, o qual abrigou detentos evacuados de Auschwitz e, foi libertado pelas forças

aliadas, revelou um cenário dantesco de inanição, doenças e morte que ecoava das pessoas que foram reduzidas às sombras da sua humanidade, assim como, muitos outros espalhados pela Europa.

À medida que afastamo-nos temporalmente desses eventos, fica evidente a necessidade de questionar a responsabilidade moral e a carga de preservar a memória daqueles que foram vítimas, em tributo a uma sociedade igualitária, tolerante e diversa.

Figura 10 - Reinhard Heydrich um dos principais arquitetos da “solução final”



Fonte: Reinhard Heydrich: em profundidade. Enciclopedia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/reinhard-heydrich-in-depth>

Figura 11 - Hermann Göring no tribunal de Nuremberg



Fonte: Maior que a vida: o infame Hermann Göring. Historynet. Disponível em: <https://www.historynet.com/larger-than-life-the-infamous-hermann-goring/>

Figura 12 - Rudolf Höss, comandante de Auschwitz de 1940 a 1943, sua função principal era organizar a ala administrativa do genocídio, na foto, ele aparece minutos antes de sua execução



Fonte: Rudolf Höss, o sádico comandante de Auschwitz. Aventura da História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/rudolf-hoss-o-comandante-de-auschwitz.phtml>

Figura 13 - Irma Grese apelidada por Lengyel de “o anjo loiro”, ficou conhecida na história como a “cadela de Belsen”



Fonte: Aliada do Führer. As atrocidades de Irma Grese, a cadela de Belsen. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-irma-grase-as-atrocidades-da-cadela-de-belsen.phtml>

Figura 14 - Josef Mengele ao centro, junto de Rudolf Höss e Richard Baer



Fonte: Rudolf Höss, o sádico comandante de Auschwitz. Aventura da História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/rudolf-hoss-o-comandante-de-auschwitz.phtml>

2. Testemunhos da tragédia: explorando as páginas do passado

Neste segundo capítulo, o texto analisa os relatos, observando as informações e a capacidade de oferecer interpretações e análises críticas sobre o contexto histórico. Levando em consideração o recorte da pesquisa, será descrito as informações do livro, tendo como foco principal o impacto das investidas que o partido nazista executou durante a Segunda Guerra Mundial, denominadas de “solução final”, e os efeitos que este sistema causou sobre a vida das vítimas, considerando as estratégias para os assassinatos e as táticas de sobrevivência descritos nos relatos das duas mulheres, apresentados nas autobiografias.

2.1. As vítimas da máquina da morte e a análise da memória

Ao explorar as memórias das escritoras, que sobreviveram ao Holocausto, confronta-nos a tarefa de compreender, não somente o contexto e os eventos históricos, mas também as experiências individuais das vítimas. Para muitos sobreviventes e seus descendentes, a memória de algum acontecimento pesaroso está diretamente ligado a um trauma que permaneceu dos eventos, intrínsecos aos danos morais vinculados à violência física e mental que sofreram. Para Halbwachs, as memórias são construídas com base no contexto social, além do evento traumático em si, considerando o exposto, pode-se afirmar que as memórias do Holocausto se formularam a partir de todos os acontecimentos do grupo social que se formou no confinamento dos indivíduos, dentro dos campos. Assim como, Le Goff destaca a importância dos lugares de memória: físicos e simbólicos que trazem um significados coletivos se tornando um elemento essencial na construção de um ponto de vista histórico.

As memórias do Holocausto são resquícios dos eventos do passado, no entanto mais que isso, os relatos se tornam fontes fundamentais para compreender como se sentiam e a maneira como assimilaram os eventos, aqueles que de fato, viveram os ocorridos. Para isso, Le Goff define uma categoria historiográfica, que determina o uso das mentalidades, trazendo ao texto a “história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época” (Le Goff, 1990, p.13). O que permite construir uma narrativa sobre o passado, compreender a sociedade em questão utilizando as memórias descritas nas fontes.

A construção dos campos de concentração, que destaca-se como lugar de memória, acabou delegado a alguns a realidade distorcida que existia no pensamento de outros, dando à humanidade a brutalidade mais extrema, possível naquele contexto. Cada relato de

sobrevivência carrega consigo o peso das lembranças e a responsabilidade de testemunhar por aqueles que não puderam fazê-lo, comprometendo-se em não deixar ser esquecido as barbáries cometidas. Para muitos sobreviventes, as memórias trazem à tona sentimentos e emoções que, em alguns casos, é buscado o esquecimento. Imagens, sons, cheiros, conectam-se às memórias que sobreexcedem tempo e espaço, em alguns casos de memórias traumáticas caracterizadas pela sua persistência e intensidade, são como feridas que nunca cicatrizam, machucando novamente cada vez que são acessadas, por vezes, involuntariamente, como descreve Eger, sobre um episódio que a fez perder a noção de tempo e espaço ao se deparar com sons que a fizeram recordar dos dias nos campos.

Um dia, quando entro no ônibus para ir trabalhar, minha cabeça está tão entupida do meu próprio descontentamento, já se preparando para o ritmo barulhento da fábrica e ao mesmo tempo refletindo sobre o comportamento desagradável de George, além de obcecada com as preocupações sobre dinheiro, que demoro a perceber que o ônibus não deu a partida. [...] Começo a suar frio. É a sensação que tive quando acordei com os *nyilas* armados batendo em nossa porta ao amanhecer. O medo que senti quando o soldado alemão apontou uma arma para o meu peito depois que peguei as cenouras. A sensação de que errei, de que serei punida e que minha vida está em perigo. [...] Estou aterrorizada por imagens de arame farpado e armas apontadas, pela fumaça espessa que sai das chaminés e escurece a minha realidade atual e pelas paredes de prisões do passado se fechando sobre mim. [...], minha vida interior me leva a interpretar um simples erro, um mal-entendido, como uma catástrofe. (Eger, 2019, p.152)¹⁵

Todavia, há aqueles motivados pelo sentimento de justiça que nunca cessa, como o caso de Olga Lengyel que ao juntar-se a um grupo de resistência formado pelos prisioneiros dentro do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, buscou incessantemente armazenar, dentro dos limites da situação, memórias que narrassem tal qual os acontecimentos do seu dia a dia, mas, mais que isso, Lengyel guardava consigo o desejo de expor ao mundo as atrocidade que levaram seus companheiros de prisão a sucumbir diante dos alemães, tornando isso seu desejo mais profundo: falar por aqueles que não puderam fazê-lo.

Eu tinha, então, duas razões para viver: primeiro trabalhar com o movimento de resistência e me manter em pé o máximo que podia; segundo, sonhar e rezar pelo dia em que seria libertada para contar ao mundo: “Foi isto o que vi com meus próprios olhos. Não devemos permitir que isso jamais aconteça outra vez!”. (Lengyel, 2018, p. 91)

A memória histórica não se trata de um espelho fiel do passado mas sim, uma representação significativa para a construção do conhecimento histórico, que pode ser influenciada por diversos fatores, tais como a cultura relacionada ao meio social do indivíduo, as vertentes políticas que permeia a sociedade, e a própria ideologia que cada pessoa

¹⁵ Nyilas: palavra húngara sua tradução literal para o português significa sagitário, no entanto, para a autora a palavra significa um tipo de governo ou um partido.

desenvolve ao passar do tempo, as narrativas são constantemente reformuladas e moldadas à medida que novas informações são adquiridas. No entanto, ao se tratar das memórias relacionadas às experiências pessoais, os discursos carregam consigo, uma simbologia diferenciada ao relacionar a vida do indivíduo ao fato.

Enfrentaríamos dificuldades, a vida agradável que tínhamos poderia deixar de existir por alguns anos, mas a separação seria ainda pior. A guerra poderia durar meses, anos. As linhas de frente estavam sempre mudando, e poderíamos ficar isolados um do outro para sempre. Se fôssemos juntos, teríamos ao menos a certeza de um destino em comum. No futuro, bem como no passado, meu lugar era ao lado do meu marido. Como se mostrou fatal aquele movimento que fiz com tanta determinação! Porque, antes de decorrer uma hora, eu seria a autora da desgraça dos meus pais e também dos meus filhos. Porque meus pais tentaram me convencer a ficar. (Lengyel, 2018, p. 15)

Neste caso, sendo uma situação particularmente individual, Lengyel tão imersa na culpa que sente pela tragédia em que sua família esteve envolvida, desenvolve a afirmação que acompanha sua vida, de que foi a responsável pela situação consequente de sua decisão de acompanhar seu marido apesar das objeções, o que levou o restante da família acompanhá-los. Ainda que tenha consciência de que todo o contexto foi determinado pelas realizações de terceiros, nada alteraria a visão que foi criada em sua consciência, ainda que os fatos que se seguiram, demonstram constantemente os verdadeiros responsáveis. Desta maneira, a afirmação que Lengyel faz, logo, na frase de abertura do livro revela sua autoavaliação.

Mea-culpa, minha culpa, mea maxima culpa! Não sou capaz de me absolver da acusação de que fui, em parte, responsável pela morte dos meus pais e dos meus dois filhinhos. O mundo compreende que eu não poderia ter adivinhado, mas, em meu coração, persiste o terrível sentimento de que eu poderia, de que eu deveria, tê-los salvado. (Lengyel, 2018, p. 11)

Assim, a autora se torna um exemplo de como muitos outros sobreviventes definiram-se após as investidas dos nazistas de limpar a sociedade alemã, como culpados: por serem quem eram e por terem sobrevivido, enquanto seus entes queridos padeceram. Reduzidos física e mentalmente.

A memória é um solo sagrado. Porém, ela é também mal-assombrada. É o lugar onde a raiva, a culpa e o sofrimento circulam como pássaros famintos revirando os mesmos ossos velhos. É o lugar onde busco incessantemente a resposta para a pergunta irrespondível: *Por que eu sobrevivi?* (Eger, 2019, p. 30)

2.2. A mecânica do Holocausto: os métodos de extermínio

Na vastidão de maneiras de assassinar pessoas que houve naquele período, em uma classificação das mais atroz, a que Lengyel relata a seguir certamente se destaca. No capítulo 15 de *Os fornos de Hitler*, denominado de “nascimentos malditos” entre as páginas 117 a 120, Lengyel descreve um período do tempo que esteve fazendo parte de uma enfermaria do campo, que segundo ela “outra vez usaram uma palavra pomposa para descrever uma realidade inexistente” (Lengyel, 2018, p. 71). Como parte de suas funções, Lengyel precisou fazer o parto de mulheres que chegavam grávidas ou engravidaram dentro de Birkenau-Auschwitz, no entanto, a máquina da morte dos nazistas, determinava que assim que os bebês nasciam, se com vida, mãe e filho estavam com o destino traçado. Como uma diretriz da política de “solução final”. “Em Auschwitz, todas as mulheres com crianças pequenas foram mortas nas câmaras de gás desde o início. O fato de ela ainda estar viva significa apenas uma coisa: seu bebê morreu.” (Eger, 2019, p. 65)¹⁶

“Assim que o bebê nascia na enfermaria, mãe e filho eram mandados para a câmara de gás. [...] Só quando o nascimento do bebê não fosse provável, ou ele fosse natimorto, a vida da mãe era poupada e recebia permissão de voltar ao barracão.” (Lengyel, 2018, p. 117). No dilema de poupar ao menos a vida das mães, ainda que corresse um grande risco de serem pegas e mandadas para a câmara de gás, Lengyel e outras enfermeiras decidiram que não colaborariam mais com aquela engrenagem da máquina, ao menos em parte. Durante o dia faziam o trabalho de parto dentro do próprio barracão¹⁷ e, à noite, arriscavam levar a enfermaria.

Infelizmente, o destino do bebê era sempre o mesmo. Depois de tomar todas as precauções, tampávamos as narinas do pequenino e, quando ele abria a boca para respirar, davámos-lhe uma dose da substância letal. O efeito de uma injeção teria sido mais rápido, mas a picada deixaria uma marca e não podíamos correr o risco de os alemães suspeitarem da verdade. (Lengyel, 2018, p. 118)

Para Lengyel a memória que ela guarda desse evento, novamente apresenta um sentimento de culpa. Até a publicação de seu livro, o sentimento que a mulher exprime era de que ela acabara com a vida de possíveis futuros prodígios, sendo que seus filhos tiveram o mesmo destino. A memória acessada está associada ao sentimento, segundo a obra de

¹⁶ Eger relata um episódio em que sua irmã conversa com uma antiga professora que havia chegado em Auschwitz com seu bebê, cujo encontro na fábrica de tijolos, não parava de chorar.

¹⁷ Barracão é o nome dado aos prédios construídos dentro dos campos para abrigo dos prisioneiros ou onde se encontravam as latrinas, dentro dos barracões existiam as *koiias*, que se tratavam de várias divisões feitas em madeira que se assemelha a prateleiras, onde os prisioneiros dormiam, por vezes, os barracões abrigavam as *koiias* e as latrinas em conjunto.

Tedesco¹⁸, e culpabiliza a própria pessoa pelos seus atos, ainda que não tivessem escolha pois o destino final dos dois seria muito pior, ainda que fossem forçadas pelo contexto em que estavam inseridas ou que fosse por uma causa maior, a culpa que Lengyel sente está diretamente associada às memórias que adquiriu na conjuntura que se encontrava naquele momento. “Auschwitz - a horrenda metrópole do genocídio” (Schilling, 2016, p. 63), levava até o ser humano mais saudável mentalmente a sucumbir diante de tamanha atrocidade, aliás, o que aconteceu ali não se pode definir apenas como atrocidade, pois foi uma verdadeira carnificina sem piedade.

Isso porque desde 1939, a política de purificação da sociedade já vinha assassinando pessoas atípicas, “os menores excepcionais e os deficientes mentais (calcula-se em 70 mil vítimas), classificados como ‘indignos de terem direito à vida’.” (Schilling, 2016, p. 63). Mas, no contexto de Auschwitz, os fatos tomaram proporções aterrorizantes. Ainda, a autora descreve que “O único tímido consolo é que, com aqueles assassinatos, conseguimos salvar as mães. Sem nossa intervenção, seu sofrimento teria sido ainda maior, já que veriam seus bebês serem jogados ainda vivos nos fornos crematórios.” (Lengyel, 2018, p. 118). Esse relato, leva-nos a perceber a magnitude das ações de “purificação” social, que os nazistas não somente o realizaram mas também, forçaram pessoas de boa índole, que em seu dia comum nunca agiriam de tal forma, a cometer crimes atrozes para salvar seus companheiros, cuja situação era a mesma de vulnerabilidade e perigo.

O motivo disso foi explicado posteriormente aos altos funcionários da SS num discurso feito no Castelo de Posen, na Polônia, em 1943, pelo *Reichsführer - SS* Heydrich Himmler: os alemães não podiam deixar as crianças vivas, pois certamente que, passados os tempos, haveria a inevitável vingança dos judeus contra os alemães. Era para proteger o futuro dos filhos dos germanos que era preciso se empenharem naquele sacrifício, por mais repugnante e antinatural que fosse. (Schilling, 2016, p. 63)¹⁹

Sabe-se que na verdade, este discurso traz palavras amenas que têm a função de adornar a verdadeira magnitude, sempre usufruindo da oratória adaptada para cativar seus partidários, se colocando como indefesos. E, que por trás da mensagem de auto proteção que Himmler tentara transmitir, está o objetivo de acabar com a considerada escória. Por tanto, com os estudos e levantamentos que os historiadores e pesquisadores formularam, não pode-se definir os oficiais alemães como vulneráveis neste determinado contexto. Em

¹⁸ Tedesco afirma que a memória não é algo independente, mas está associada também, aos sentimentos, emoções, associações, personalidade, capacidade de percepção, entre outros sentidos e, ao evocarmos uma memória automaticamente teremos acesso aos sentimentos que dela surgem.

¹⁹ Discurso de Posen, foram discursos secretos realizados no Castelo de Posen aos oficiais da SS por Heinrich Himmler, a cidade de Posen fica localizada na Polônia e, durante os anos de 1939 a 1945 se tornou capital do distrito alemão de Wartheland, na Polônia ocupada.

contraposição, neste sentido de vulnerabilidade diante do perigo, Eger que nasceu judia e sofreu consequências pesadas por conta disso, se vê constantemente exposta mesmo após o fim da guerra.

Aprisionada tão jovem, ainda aos 16 anos, logo perdendo sua mãe, na chegada ao mundo paralelo que era Auschwitz. Edith encontra em sua imaginação fértil e na dança que era sua habilidade desde pequena, a força que precisava para criar coragem de enfrentar uma situação e ser menos odiada por Mengele naquele momento. O sentimento de coragem e paixão que as memórias dos dias como dançarina despertavam em Edith, fizeram-na uma sobrevivente. Em rondas noturnas, Mengele costumava buscar prodígios das artes para entretê-lo. Assim, em uma noite, exibida por algumas conhecidas de sua vida anterior, a menina é posta diante do Anjo da Morte para mostrar seus dotes artísticos. “Ele deve ter ficado impressionado com meu desempenho, porque jogou um pedaço de pão para mim - um gesto que mais tarde salvaria minha vida. Conforme a tarde vira noite, eu compartilho o pão com Magda e com nossas companheiras de beliche.” (Eger, 2019, p. 56)

Considerando o exposto, torna-se evidente o castigo da fome que os prisioneiros eram obrigados a passar nos dias de clausura. “Nas primeiras semanas em Auschwitz eu aprendo as regras de sobrevivência. Se você roubar um pedaço de pão dos guardas, vira heroína, mas se roubar de uma prisioneira cairá em desgraça e estará morta.” (Eger, 2019, p. 57) Em dias comuns, referindo-se ao dia a dia fora da prisão, a fome determina a situação das pessoas, a preocupação constante com a próxima refeição impede ou limita o desempenho profissional ou intelectual tomando conta da mente. Aqueles que sofrem com a fome estão inseridos em um ciclo exaustivo de busca ou idealização de uma refeição básica. Do lado de dentro dos arames farpados e cercas elétricas, a fome era uma companheira em comum dos prisioneiros, no entanto não poderiam em momento algum se deixar levar por seus sintomas, pois se não se mantivessem alerta, o menor movimento poderia matá-los. Assim como, a fraqueza resultante de uma dieta precária torna um indivíduo indisposto para desempenhar tarefas básicas. Novamente, descansar não era uma opção em Auschwitz, quem não estivesse presente nas chamadas diárias tortuosas, ou se fossem pegos deitados ou desmaiados, automaticamente estariam na fila dos fornos crematórios ou das câmaras de gás, às vezes, para facilitar o trabalho ou por diversão, eram mortos a tiros no mesmo lugar em que caíam.

No segundo dia, recebemos cerca de vinte tigelas - vinte tigelas para 1,5 mil pessoas! [...] De manhã, tínhamos que nos contentar em lavar as tigelas do jeito que podíamos, antes de pôr dentro delas nossas ínfimas rações de açúcar de beterraba ou margarina. Nos primeiros dias, nossos estômagos embrulhavam ao pensar em usar o que, à noite, fora utilizado como urinol. Mas a fome falava mais alto, e estávamos

tão famintas que nos dispúnhamos a comer qualquer coisa. Não havia o que fazer se a comida tinha de ser colocada naquelas tigelas. À noite, muitas usavam as tigelas em segredo. Tínhamos permissão para ir às latrinas duas vezes por dia. Não importava se precisássemos ir ao banheiro. Se saíssemos no meio da noite, corríamos o risco de ser detidas pelos guardas da SS, que tinham ordens de atirar primeiro e perguntar depois. (Lengyel, 2018, p. 38)

Lengyel deixa evidente em suas palavras o sistema limitador que existia no campo, além da dieta escassa e ainda mal preparada, levava os prisioneiros a contagiar-se com diversas doenças infecciosas, que causavam diarreias intensas ou vômitos incontrolláveis, ainda assim o uso da latrina era restrito obrigando-nas a usar seus próprios “pratos” como sanitário, para evitar que o estado de higiene do local onde, em teoria dormiam, que já era deteriorado, piorasse ainda mais. Com base na obra de Orlandi²⁰, pode-se observar que a análise do discurso revela os processos da memória das sobreviventes do Holocausto, de forma que alguns relatos dão voz as suas lembranças enquanto outros às retratam de forma desumanizadora.

Compreendendo que a situação que foram obrigadas a viver, tratam-nas como se não fossem humanas merecedoras de seus direitos. A alimentação que seria um direito básico do ser humano, naquele local se tratava de mais um castigo ou uma forma de desmoralizá-las e adoecer-las. Desta forma, colocá-las na posição de um problema prejudicial que precisa ser neutralizado. As memórias que evocam culpa, dá-nos a entender que, de certa maneira, Lengyel e Eger absorveram, mesmo que involuntariamente, a perspectiva de que não mereciam estar vivas, ou que seus atos realmente as tornavam não merecedoras de respeito. Através da análise do discurso das fontes, pode-se observar que as sobreviventes ajustam suas identidades fragmentadas pelo trauma e pela perda.

No entanto, novamente os atos dos nazistas, trazem à tona o processo da memória que identifica o contexto carregado de ideologias políticas e culturais que negam ou minimizam a extensão do sofrimento dos prisioneiros, narrados nos livros. No capítulo 10 denominado “uma nova razão para viver”, entre as páginas 84 e 85, Olga Lengyel expõe um relato sobre seu contato com as câmaras de gás e dos fornos crematórios do campo. “A suprema especialidade de Auschwitz-Birkenau, porém, era o extermínio dos judeus da Europa, o elemento indesejável por excelência, segundo a doutrina nazista. Centenas de milhares deles foram cremados nos fornos.” (Lengyel, 2018, p. 84). O campo de extermínio, como já ponderado no início desta pesquisa, trata-se de um exemplo do cenário desenvolvimentista da

²⁰ Orlandi destaca a importância do discurso como sendo um processo na construção de uma identidade e subjetividade, com transmissão de informações. No caso dos sobreviventes do Holocausto, o discurso desempenha um papel importante na reconstrução de suas identidades fragmentadas diante da desumanização que enfrentaram.

época, Auschwitz nada mais é do que um sistema de produção que entrega o “produto” de forma rápida e massiva.

No princípio, os condenados à morte em Birkenau levavam tiros na floresta de Braezinsky, ou eram asfixiados com gás na infame casa branca do campo. Os cadáveres eram cremados numa “vala da morte”. Depois de 1941, quatro fornos crematórios foram postos em funcionamento, e o “rendimento” daquela usina de extermínio aumentou enormemente. No começo, judeus e não judeus eram igualmente mandados para os crematórios, sem distinção. Depois de junho de 1943, as câmaras de gás e fornos crematórios eram reservados exclusivamente para judeus e ciganos. (Lengyel, 2018, p. 83)

Diante do exposto, pode-se observar que a autora menciona a casa branca e as valas da morte. Rössel explana esses termos como o início do processo de morte por asfixia em Auschwitz, que nada mais é, que a utilização de um chalé de dois quartos em meio a floresta que foi convertido pelos nazistas em uma edificação para comportar câmaras de gás improvisadas, enquanto as construções do campo de Birkenau não estavam prontas para operar. Inicialmente um dos chalés utilizados se chamava “Casinha Vermelha” ou “Banker I”, que foi lacrado com tijolos nas janelas e portas e seus quartos transformados em câmaras de gás improvisadas. Isso tudo, em busca da privacidade que os gritos e choros que aconteciam nos fornos crematórios não permitiam, sendo abafados pelo gás Zyklon B, para não serem ouvidos aos arredores dos campos. Sem demora um chalé ficou pequeno para a grande quantidade de pessoas que chegavam diariamente pelas linhas férreas. Necessitando de mais um pequeno chalé, a casinha branca.

Mas embora a SS resolvesse um de seus problemas, criava outro – como descartar os mortos? Os corpos da Casinha Vermelha não podiam ser queimados nos fornos de um crematório, pois não havia nenhum por perto. A única opção parecia ser enterrá-los em valas, mas isso implicava um trabalho intensivo e um risco potencial à saúde, tanto para os internos quanto para a SS – especialmente porque o terreno em Birkenau tinha sabidamente uma drenagem muito ruim. Apesar das dificuldades da SS para o descarte dos corpos, a criação da Casinha Vermelha significou que era possível matar um número maior de judeus “improdutivos”. Especialmente quando, poucas semanas após o início das execuções na Casinha Vermelha, outro chalé a cerca de cem metros dela, conhecido como “Casinha Branca”, foi convertido de maneira similar em câmaras de gás. (Rössel, 2020, p. 234-235)

Considerando que os campos de concentração, neste caso Auschwitz, começaram a operar na década de 1940 e, somente em 1941 os fornos foram construídos e postos a função. Leva-nos a compreender que o planejamento de uma edificação “industrial” precisou ser estudada e planejada com tempo, para que tudo estivesse de acordo com o objetivo da solução final. Uma vez que, o extermínio a tiros não era rápido e proporcional, o suficiente para atingir as expectativas nazistas. Segundo Lengyel, em um levantamento de dados referente aos meses de maio a julho de 1944, que ela fez, com base em estatísticas que um

*sonderkommando*²¹ reuniu para ela, no mês de maio foram mais de 350 mil mortes, em junho pouco mais de 500 mil e, aos 26 dias do mês de julho totalizou 442 mil mortes. “Em menos de três meses, os alemães “exterminaram” mais de 1,3 milhão de pessoas em Auschwitz-Birkenau.” (Lengyel, 2018, p. 85). “Às vezes, os fornos ficavam tão lotados que não conseguiam dar conta do trabalho mesmo em turnos de 24 horas. Os alemães tinham, então, que cremar os cadáveres em “valas da morte”.” (Lengyel, 2018, p. 84)²²

Neste caso, não havendo exageros, quando Schilling aponta o extermínio como “colossal demais para ser resolvida por balas de fuzis ou metralhadoras.” (2016, p. 63). “Na conferência de Wannsee, estimaram em onze milhões de judeus na totalidade, sendo impossível cumprir as metas da ‘solução final’ por métodos convencionais determinados pelo uso da metralhadora.” (Schilling, 2016, p. 67)²³. Ou seja, a proporção de pessoas a serem assassinadas, ultrapassa em incontáveis números a quantidade de munição ou de tempo que os alemães tinham para dizimar, suficientemente os judeus. Ainda, sobre os fornos crematórios que, em relação ao número de cadáveres, não tinham sequer um minuto de parada, no mesmo capítulo a autora descreve sua estrutura operacional, cujo sistema ela teve acesso por meio de outros membros da resistência.

Das quatro unidades de crematórios em Birkenau, duas eram enormes e consumiam um número extraordinário de corpos. As outras duas eram menores. Cada unidade consistia em um forno, um amplo saguão e uma câmara de gás. Acima de cada uma elevava-se uma grande chaminé, em geral era alimentada por nove fogueiras. Os quatro fornos em Birkenau eram aquecidos por um total de trinta fogueiras. Cada forno tinha grandes bocas. Ou seja, havia 120 bocas, dentro de cada uma podia ser colocado três cadáveres por vez. Isso significava que podiam cremar 360 cadáveres por operação. Isso era apenas o começo da “meta de produção” nazista. Trezentos e sessenta cadáveres a cada meia hora, que era o tempo necessário para reduzir a carne humana a cinzas, perfaziam 720 por hora, ou 17.280 cadáveres a cada turno de 24 horas. E os fornos, com assassina eficiência, funcionavam dia e noite. É preciso, entretanto, levar em consideração as valas da morte, capazes de destruir outros 8 mil cadáveres por dia. Em números redondos, 24 mil cadáveres eram eliminados diariamente. Um admirável recorde de produção... que diz muito a favor da indústria alemã. (Lengyel, 2018, p. 84)

²¹ Sua tradução literal significa comando especial, refere-se a grupos de trabalhadores, formados por prisioneiros dos próprios campos de concentração, os quais eram organizados pelos nazistas. Neste caso, a autora refere-se a um médico francês cuja nomenclatura é Dr. Pasche, que desempenhava funções junto aos fornos crematórios de Birkenau.

²² As “valas da morte” eram trincheiras extensamente compridas e largas, cavadas em meio às florestas próximas dos campos, onde os alemães jogavam os cadáveres e cremavam, tendo um sistema de drenagem da gordura dos corpos.

²³ Reunião realizada pelo alto escalão de oficiais da SS na cidade de Wannsee na Alemanha Nazista. O objetivo da realização desta reunião era de assegurar a cooperação de todos os envolvidos no partido nazista e sua política de solução final da questão judaica.

Figura 15 - Imagem do forno crematório do campo de Dachau com restos mortais, logo após a libertação em 1945



Fonte: Fotografias. Enciclopédia do holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/human-remains-found-in-the-dachau-concentration-camp-crematorium-after-liberation>

Correndo o risco de parecer incrível a proporção dos números. De acordo com as ideias de Bauman, o Holocausto não foi um desvio da modernidade, em meio a uma sociedade que estava se desenvolvendo industrial, urbano e racionalmente, mas sim, o desenvolvimento tecnológico e o progresso, trouxeram consequências diretas de suas próprias lógicas e estrutura, juntamente com a desigualdade, a exclusão e a desumanização. Neste contexto hierarquizado, a sociedade foi dividida em grupos dominantes e grupos marginalizados, dentro da conjuntura do Holocausto, essa categorização foi levada ao extremo, com os nazistas implementando uma ideologia racista que classificava os judeus e grupos de minorias, como dignos de serem exterminados. As duas fontes analisadas neste texto, deixam compreensível em seu discurso as evidentes relações de poder, existentes no campo, tornando crível e alarmante a quantidade de pessoas que foram dizimadas.

Desde o início da implementação das diretrizes políticas do Partido Nacional-Socialista, as técnicas mortíferas estavam evidentes no sistema. O aprisionamento de pessoas inocentes das acusações nazistas, deixava visível suas intenções, por essa lógica o transporte das prisioneiras até o campo de extermínio não se diferiu do restante da conduta.

Após a conferência de Wannsee, os primeiros judeus de um país estrangeiro a serem entregues em massa para os nazistas vieram da Eslováquia. Mas a história de por que os judeus eslovacos foram enfiados em trens de carga lotados e enviados para Auschwitz na primavera de 1942 mostra uma vez mais que o desenvolvimento da Solução Final dos nazistas pode ter sido tudo, menos simples. (Ress, 2020, p. 231)

No capítulo 1 denominado “as quatro perguntas”, Edith descreve, em um trecho curto, a viagem que fez da fábrica de tijolos em sua cidade de origem até a chegada em Auschwitz I, cuja entrada principal ostenta a conhecida fachada com a frase em ferro forjado pelos próprios prisioneiros, que em sua tradução significa “O trabalho liberta”.

O vagão do trem é diferente de tudo que já vi. Não é um trem de passageiros, é para transportar gado ou carga. Somos uma carga humana. Centenas de pessoas em um vagão. Cada hora parece uma semana. A incerteza e o barulho incessante das rodas nos trilhos. Um pedaço de pão é para ser dividido por oito pessoas. Um balde de água. Um balde para dejetos corporais. Cheiro de suor e de excrementos. Pessoas morrem no caminho. Todos dormimos em pé, apoiados nos parentes, encostados nos mortos. Vejo um pai dar algo à filha, um pacote de comprimidos. “Se eles tentarem fazer alguma coisa com você...”, diz ele. [...]. O trem segue. [...]. Eles abrem as portas do vagão de gado e a luz brilhante do sol de maio invade o espaço. Estamos desesperados para sair. Corremos na direção do ar e da luz. Praticamente caímos do vagão, atropelando uns aos outros na ânsia de descer. Depois de vários dias dentro de um trem em movimento incessante, é difícil ficar em pé em terra firme. Tentamos de todo jeito nos orientar - descobrir nossa localização, controlar nossos nervos e nossos corpos. Vejo um conjunto compacto de casacos escuros de inverno numa estreita faixa de terra. Vejo um ponto branco no lenço de alguém ou numa trouxa de tecido com pertences de alguém, o amarelo das estrelas obrigatórias. Vejo a frase: *ARBEIT MACHT FREI*. “O trabalho liberta”. Tem música tocando. Papai fica alegre imediatamente. - Está vendo? - Diz ele. - Não pode ser tão terrível. [...] - Vamos apenas trabalhar um pouco, até a guerra acabar - continua. Os boatos que ouvimos na fábrica de tijolos devem ser verdadeiros. Devemos estar aqui para trabalhar. Procuo por plantações nos campos ao redor [...]. Em vez disso, vejo linhas horizontais contínuas: tábuas nos vagões de gado, a interminável cerca de arame farpado, os prédios baixos. Ao longe, algumas árvores e chaminés quebram a linha do horizonte desse lugar árido. (Eger, 2019, p. 49 - 50)

Neste recorte do livro, a autora busca minimizar em suas palavras a real impressão que teve da viagem a Auschwitz, com o objetivo de amenizar os sentimentos de angústia e assombro do leitor ao ler sua exposição, uma vez que ao compor a obra, Eger deixa claro que seu objetivo principal não é a busca pela compaixão de quem o lê, mas sim, conscientizar as pessoas que se ela teve uma força descomunal para superar situações difíceis, todos podem ter. E, certamente o que ela descreve, trata-se da percepção que muitos outros prisioneiros tiveram ao chegar em Auschwitz, ao se depararem com a fachada com os dizeres que dão a entender que, os prisioneiros apenas terão uma temporada de esforço em prol de seu país. Como Lengyel afirma, ingênuos, os que pensavam que logo seriam libertos.

Figura 16- Portão de entrada que ostenta os dizeres *ARBEIT MACHT FREI*



Fonte: History Channel. Porque a frase “o trabalho liberta” causa tanta indignação? Disponível em: <https://www.canalhistory.com.br/historia-geral/por-que-frase-o-trabalho-liberta-causa-tanta-indignacao>

Em contraposição, Lengyel relata detalhadamente a situação similar que precisou passar, junto de sua família, porém, a autora relata suas memórias baseada fortemente no objetivo de divulgar um dos primeiros atos nocivos do partido nazista que afetou-na diretamente e, que se tornou o ponto de virada em sua vida. No capítulo 1 do livro, denominado “oito cavalos - ou 96 mulheres, homens e crianças”, Lengyel descreve seu trajeto dentro do trem de carga:

Pairava um ar de pesadelo. Nos trilhos, um trem interminável aguardava. Nenhum carro de passageiros e, sim, vagões de gado, cada um abarrotado com candidatos à deportação. [...]. Placas nos vagões indicavam os lugares de origem: Hungria, Iugoslávia, Romênia - Só Deus sabia de onde teria partido aquele trem. [...]. Fomos tangidos como ovelhas e constrangidos a entrar num vagão de gado vazio. [...]. Então, a única porta se fechou atrás de nós. Não lembro se choramos ou gritamos. O trem se pôs a caminho. Noventa e seis pessoas se amontoavam em nosso vagão, incluindo várias crianças espremidas entre as malas - a mísera e parca bagagem que só continha o que fosse mais precioso e útil. Noventa e seis homens, mulheres e crianças, num espaço que acomodaria apenas oito cavalos. E isso, não era o pior. [...]. Instalações sanitárias estavam fora de questão. [...] Enquanto o dia sem fim se arrastava, o vagão ia aos solavancos, e todas as forças da natureza conspiravam contra nós. Um sol tórrido aquecia as paredes, até o ar se tornar sufocante. O interior estava praticamente escuro, pois a luz dos dia, que se infiltrava através da minúscula janela, somente iluminava aquele canto. [...]. As crianças choravam, os doentes gemiam, os velhos lamentavam. [...] Mil problemas práticos precisavam ser solucionados. A questão da comida era insuportável. Os guardas não tinham nos dado nada e as magras provisões que trazíamos começaram a acabar. Era o terceiro

dia. [...]. O pior de tudo era saber que muitos dos nossos companheiros haviam escondido parte da comida. Ingênuos, acreditavam que seriam postos a trabalhar quando chegássemos ao nosso destino e que precisariam do que tinham para completar as rações regulares. [...] A cabeça de um SS apareceu na janela. Sua pistola Luger fez um gesto ameaçador. “Trinta relógios de pulso, agora mesmo. Senão, podem se considerar mortos!” [...] Um balde de água para noventa e seis seres humanos, dos quais trinta eram crianças pequenas. Aquilo significava apenas algumas gotas para cada um, mas seriam as primeiras em 24 horas. [...] Três crianças estavam deitadas junto à porta. Pareciam quentes e febris. Um dos médicos as examinou e recuou horrorizado. Estavam com escarlatina. [...] No segundo dia, um dos principais comerciantes de Cluj sofrera um ataque cardíaco. Seu filho, médico, ajoelhou-se ao seu lado. Sem medicamentos, ele estava impotente, e só pôde assistir ao pai expirar, enquanto o trem chacoalhava. Morto no vagão! [...] “Finalmente”, suspirou um marido, ao cerrar as pálpebras de sua adorada esposa que acabara de morrer. [...] O vagão de gado se tornara um abatedouro. Cada vez mais preces pelos mortos eram ouvidas na atmosfera sufocante. Mas os SS não nos permitiam enterrá-los ou removê-los. Éramos obrigados a conviver com nossos cadáveres. [...] De vez em quando, no transcorrer daquela viagem infernal, eu tentava me abstrair da realidade, dos mortos, dos moribundos, do fedor e dos horrores. [...] Ouvimos os mais rudes e cruéis insultos. Inúmeras vezes eu me perguntei se era mesmo possível que aqueles homens de verde só conhecessem a maldade e o ódio. [...] E, então, no final do sétimo dia, o vagão da morte parou. (Lengyel, 2018, p. 16 - 21)

Indubitavelmente, a narrativa de Lengyel articula em sua escrita o horror que o leitor se deparará, que também, estaria empregado no relato de Eger, se ambas tivessem o mesmo sentimento de busca por justiça, em seu nome e em nome dos que já haviam partido. Ao leitor observar a escolha de palavras que Lengyel utiliza para referir-se, por exemplo, ao número de mortes que aconteciam dentro do vagão de gado, definindo-o como um abatedouro, fica tangível o sentimento de ódio da autora em relação à situação, na descrição apresentada. Assim como, a escolha de expor, no corpo do texto, a frase que anuncia mais um falecimento dentro do vagão: “Morto no vagão!” Remete ao leitor, que o cenário se tornou tão comum entre os transportados, que não se dispõe mais de uma cautela, para dar o comunicado aos outros passageiros que faziam uso do mesmo espaço. Também, ao proferir o episódio em que um oficial da SS, exige sob a ameaça de atirar, os pertences e jóias dos prisioneiros, demonstra a ausência de integridade moral e a falta de empatia para com os outros seres humanos, que além de se encontrarem em uma situação que, resumindo em uma palavra se caracteriza como deprimente, foram abusados moralmente tendo suas posses confiscadas.

Depois de passar horas e dias pela tormenta da viagem nos trens de carga, ao chegarem ao campo, os prisioneiros ficavam por horas em fileiras à espera das seleções, que foi outra forma que os nazistas orquestraram de levar os prisioneiros aos seus limites psicológicos e físicos, para depois separar as pessoas que estavam aptas a morrer na hora e as que teriam a chance de permanecer mais um dia naquele lugar.

Imagem 17 - Uma das filas de seleção onde judeus húngaros recém chegados em Auschwitz aguardavam para saber o destino que teriam, se a câmara de gás ou trabalho escravo



Fonte: Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/auschwitz-photographs?parent=pt-br%2F3673>

Foi neste contexto que as ordens de Heinrich Himmler (1900-1945) foram dadas para a construção das novas instalações para a máquina de morte, Birkenau, com um número maior de câmaras de gás e fornos crematórios que seriam edificadas neste período. “É preciso explicar que havia diferença entre Birkenau e Auschwitz, nomes infames e uma mancha na história da humanidade.” (Lengyel, 2018, p. 35) Como já mencionado, Auschwitz foi construído a partir de um quartel de artilharia do exército Polonês, em sua estrutura não comportava o tamanho ideal para a dizimação dos judeus, nas proporções que os nazistas precisavam. A escolha de sua posição geográfica se deu justamente por conta do entroncamento ferroviário que se estendia até seu centro, “onde cruzavam as estradas de ferro vindas da Alemanha e as do Leste europeu.” (Schilling, 2016, p. 63). Sem sombra de dúvidas facilitou substancialmente o transporte dos prisioneiros que se acumulavam nos campos de concentração e guetos de toda a Europa, o que de fato, estava nos projetos nazistas, transportá-los a um local determinado para serem transformados em pó:

A ferrovia separava um campo do outro. Quando os selecionadores separaram os deportados na plataforma da estação para “direita” ou para “esquerda”, mandavam-nos para Birkenau ou Auschwitz. Auschwitz era um campo de escravos.

Por pior que fosse a vida lá, era melhor que em Birkenau. Porque Birkenau era, sem dúvida, um campo de extermínio, e isso nunca foi mencionado em relatórios. Fazia parte da colossal culpa dos governantes alemães e raramente era citado; nem sua existência era sequer admitida, até que as tropas aliadas de libertação expuseram o segredo ao mundo. (Lengyel, 2018, p. 35)

Pelo ponto de vista de Lengyel, permanecer no campo de Auschwitz era “melhor” do que ser mandado para Birkenau, levando em consideração que os recém chegado, muitos eram destinados ao trabalho nas fábricas que funcionavam lá, enquanto outros apenas permaneciam no campo cumprindo presença na fila das chamadas diárias. Enquanto, os que eram mandados para o lado “esquerdo”, ou seja, para o campo de Birkenau-Auschwitz, automaticamente estariam na fila dos fornos crematórios. “Em Auschwitz, [...]. Os prisioneiros destinados ao trabalho eram altamente privilegiados. Mas ao mesmo tempo os que não produziam eram mais afortunados que os prisioneiros de Birkenau - apenas aguardavam a vez para serem asfixiados e cremados.” (Lengyel, 2018, p. 36)

Na obra de Eger, a autora também menciona as filas de seleção que ao chegar com sua mãe e irmã, logo participaram, se pondo frente a frente com o anjo da morte: “Sua voz é quase gentil ao perguntar se alguém está doente e indicar aos que diziam sim que sigam para o lado esquerdo.” (Eger, 2019, p. 50) Inspirado pela obra de Orlandi, analisando essa forma de discurso, pode-se observar que, mais uma vez, está presente nos relatos a face enganadora com que o partido nazista trabalhava: a voz gentil usada por alguns oficiais, a frase de chegada ao campo, tentava passar a confiança e gentileza que não existia na realidade.

Ficando tangível as relações de poder na linguagem, os oficiais que estariam comandando todo um país, mas que ali naquele contexto, encontravam-se com o destino dos prisioneiros ao seu bel prazer, designando milhões de pessoas para a vida e para a morte, enquanto os deportados que se descobriram prisioneiros condenados, amedrontados, incertos e enganados. Assim, podendo compreender as influências que modificavam o ponto de vista de cada um, em relação ao que viam e ouviam sobre suas destinações a partir da ascensão do nazismo na Alemanha, e ali se deparando com mais situações, que analisadas minuciosamente compreende-se que tudo fazia parte de um plano maior.

O plano de “limpeza” da sociedade alemã dos judeus, desumanizou e subjugou essa população ao ponto de serem exterminados. Através das memórias relatadas nos livros, observamos detalhes sobre a proposta de solução final, analisando as táticas administrativas e os modos de operação dos nazistas, que as autoras descreveram. Sendo utilizado a análise da memória e do discurso e considerando a narrativa formulada pelas sobreviventes, buscando compreender o contexto histórico e as situações em que foram inseridas contra própria

vontade, assim como, as inúmeras situações que foram traumáticas para as sobreviventes mas que enfrentaram a ponto de seguirem em busca da liberdade, desafiando a crueldade das pessoas motivadas por ideologias extremistas e ao que foram capazes de infligir a outros seres humanos.

É essencial reconhecer que o processo de desumanização dos judeus foi uma estratégia metodicamente elaborada, e apoiada com recursos desenvolvidos especialmente para o plano genocida, como as intensas propagandas anti judaicas e as políticas discriminatórias. Os judeus foram excluídos, segregados e maltratados sendo retratados como uma ameaça existencial à pureza racial e à segurança nacional alemã, o que serviu de justificativa para as atrocidades conseguintes. Enquanto, nos campos de extermínio como Auschwitz-Birkenau, a barbárie alcançou o ápice. Os procedimentos eram estrategicamente calculados para concretizar com máxima eficiência a industrialização da morte das minorias mas principalmente do povo judeu, a fim de efetivar a limpeza social elaborada para a solução final. Ficando incontestável, que a proposta foi um empreendimento de desumanização e extermínio, sustentado por uma máquina burocrática e ideológica impiedosa elaborada pelo regime nazista.

3. Memória de Libertação

No terceiro e último capítulo será apresentado o contexto final do Holocausto que veio junto do final da Segunda Guerra Mundial e, por consequência a libertação dos campos de concentração e extermínio que operavam. Neste sentido será abordado o contexto da Marcha da Morte, apresentada nas duas autobiografias cuja situação foi um marco na tentativa final de exterminar os judeus e minorias que, apesar de todas as investidas nazistas, ainda permaneciam com vida dentro dos campos de concentração, e a maneira como a longa caminhada, foi de certa forma, uma tentativa de encobrir as atrocidades cometidas. Neste sentido, serão analisadas as memórias que as sobreviventes relatam para descrever os horrores que foram obrigadas a passar, momentos antes da tão desejada liberdade.

3.1. Tragédia e Triunfo

O final da Segunda Guerra Mundial que determinou também, o fim do Holocausto, trouxe alívio coletivo e novos desafios para o mundo devastado pelo conflito. O período de 1930 a 1945, trouxe mudanças significativas com uma série de eventos determinantes que levaram a rendição das Potências do Eixo²⁴, o que acabou redefinindo o panorama geopolítico global. Após anos de batalhas, a guerra já não era mais tão promissora e atrativa, com a dimensão da destruição o mundo todo se viu em uma tarefa monumental de reconstrução, milhões de pessoas foram mortas, cidades inteiras foram reduzidas a escombros e a economia estava em situação calamitosa. “O desgaste provocado por um conflito tão longo era evidente para os comandantes de todos os exércitos.” (Gilbert, 2014, p. 752)

Dentro deste contexto, além de todas as perdas que a guerra ocasionou, a humanidade presenciou uma das atrocidades mais impactantes para o mundo considerado moderno, os campos de concentração e extermínio operados pelos nazistas se destacam até os dias atuais, não somente pela quantidade de pessoas que assassinou em determinado período mas também, pelos níveis de crueldade que foram capazes de atingir. A libertação dos campos, não foi somente um ato militar, mas uma vitória da justiça e da liberdade, dando aos prisioneiros o fim do seu sofrimento e para a humanidade o início de uma jornada para enfrentar e reconhecer a profundidade da perversão que o ser humano é capaz de alcançar.

²⁴ Forma como é chamada a união das potências: Alemanha, Itália e Japão, que lutaram na durante a Segunda Guerra Mundial contra as forças aliadas formadas por: França, União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos.

Os soldados aliados, muitos deles jovens que testemunharam o pior da guerra, não estavam preparados para o que presenciaram ao adentrar nos limites das cercas de arame farpado. As cenas de horror indescritível que depararam-se ao entrar nas instalações, como a fome que devora até o último quilograma de gordura do corpo humano, o odor fétido de corpo em decomposição que permaneciam em pé com um pequeno fio de vida e esperança, o cenário que se formou a partir de uma mistura de diversas doenças que não eram tratadas a anos juntamente com a higiene inexistente, abalaria até o mais forte dos homens.

Os testemunhos da magnitude do sofrimento relatados pelas pessoas, jornalistas e soldados que emergiram dessas instalações despertaram o mundo para a verdadeira face do regime nazista, que até então estava sendo ignorado. Esse despertar, embora tardio, fomentou o compromisso dos direitos humanos e da justiça internacional, moldando o curso do pós-guerra. “Mais uma vez, a libertação de prisioneiros seria um momento de choque profundo para os libertadores. Quando chegaram a Mauthausen, as tropas americanas descobriram cerca de dez mil cadáveres numa grande sepultura coletiva. Entre os 110 mil sobreviventes, 28 mil eram judeus.” (Gilbert, 2014, p. 856)

Imagem 18 - Vestígios do massacre que os aliados encontraram após a libertação de Mauthausen



Fonte: Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/corpses-in-mauthausen>

Para os sobreviventes, a chegada das tropas aliadas foi um símbolo do fim do cativeiro e o início de uma jornada emocional complexa rumo à reconstrução de suas vidas fragmentadas, embora tenha representado o fim do terror nazista, a libertação foi o início de um longo e árduo caminho de recuperação a ser enfrentado. Apesar de libertos, os efeitos dos campos de extermínio ecoaram por décadas a fio, a angústia de tentar reconstruir suas vidas após os traumas e as perdas, e muitas vezes carregados da vergonha de terem sido submetidos a tais horrores ou, de terem permanecido vivos enquanto seus companheiros sucumbiram, continuaram a ressoar na consciência. Cada um carregando consigo as marcas físicas e psicológicas das experiências traumáticas que enfrentaram.

Diante da situação, o sentimento de desconfiança fez-se presente constantemente entre os prisioneiros, a incredulidade foi o efeito da libertação em muitos deles. De frente para a própria sobrevivência, o trauma era tamanho, que não acreditavam quando seus libertadores se aproximavam, enquanto as tropas iam avançando para dentro dos campos, pessoas iam emergindo de dentro dos barracões, desnutridos e doentes com olhos vazios que refletiam a desumanização e o sofrimento que haviam enfrentado. Muitos mal conseguiam articular palavras, deixando pesar o silêncio que descrevia sua tragédia pessoal.

Dentro deste contexto, o regime nazista que entrava em colapso, perdendo territórios nos países inimigos, que recuperavam suas áreas a medida que o número do exército alemão diminuía, tendo seus recursos se esvaindo considerando o longo tempo de investimentos na guerra e o apoio popular, assim como a aproximação das tropas Aliadas, acabou por ameaçar o controle nazista sobre os locais de extermínio e sobre os próprios prisioneiros. “Como se fossem um único homem, os prisioneiros recusaram-se a mover-se. [...] As hordas de presos agitavam-se e murmuravam. Pela primeira vez desde sua detenção, os prisioneiros que ainda não estavam moribundos entreviam a possibilidade de sobreviver à guerra. (Gilbert, 2014, p. 856). Com a guerra aproximando-se do seu fim e a derrota se tornando cada vez mais evidente, o partido nazista precisou tomar precauções para encobrir seus rastros e eliminar potenciais testemunhas.

O início da evacuação do campo de concentração e extermínio de Auschwitz foi o ponto culminante da decadência da máquina de extermínio, foi durante a desocupação do campo que ficou evidente a magnitude da situação. Começando a ser planejada pelos oficiais responsáveis à medida que as forças aliadas se aproximavam. Assim, os oficiais precisavam ocultar as evidências dos crimes cometidos, para que não caíssem nas mãos dos inimigos. “Olhei na vasta área de Birkenau. Diante dos campos F, D, C, e B-2, havia fogueiras feitas

com grandes pilhas de papel. Os alemães estavam destruindo todos os registros de seus crimes.” (Lengyel, 2018, p. 215). Além do mais, com a escassez de mão de obra que o longo período de guerra trouxe, o terceiro Reich precisava cada vez mais de trabalhadores nas fábricas, também, fora dos limites de Auschwitz. De início quando os campos começaram a ser evacuados, foi aos poucos durante as noites, a transferência dos prisioneiros para outros campos e subcampos localizados em outros países, pelos soldados nazistas, se tratava de uma investida de esforços para obstruir a revelação de suas transgressões.

Em meados de 1944, Magda e eu percebemos que não chegam mais judeus húngaros ao campo. Depois saberemos que, em julho, o primeiro-ministro Horthy, cansado de se curvar à autoridade alemã, interrompeu as deportações. Ele demorou demais. Centenas de milhares de húngaros já haviam sido mandados para os campos de concentração; 400 mil foram assassinados em dois curtos meses. Em outubro, o governo de Horthy foi derrubado pelos nazistas. Os duzentos mil judeus que ainda permaneciam na Hungria, a maioria em Budapeste, não foram levados para Auschwitz. Fizeram uma marcha forçada de 320 quilômetros até a Áustria. (Eger, 2019, p. 62).

Considerando que neste período foi a temporada em que o número de mortos por dia no campo, chegou ao seu ápice devido a quantidade de pessoas que chegavam. Com a aproximação das tropas americanas e soviéticas às áreas de extermínio, a influência papal e de algumas organizações humanitárias que se mobilizaram diante da exposição dos campos, que começava tomar proporções, Horthy se viu compelido a estreitar os laços com o governo nazista, pedindo para “que a deportação de judeus húngaros para Auschwitz fosse contida.” (Gilbert, 2014, p. 696).

A evacuação dos campos de concentração começou em diferentes momentos, dependendo da administração de cada campo, começando com a transferência dos prisioneiros em trens superlotados e o deslocamento de um campo para outro, através de jornadas distantes realizadas a pé, que ficaram conhecidas como a Marcha da Morte. Não sem fundamento que as longas caminhadas receberam este nome, as distâncias eram deliberadamente longas, até para as pessoas que se encontravam no seu pleno bem estar, quanto mais para os prisioneiros que estavam a dias ou anos sem alimentação adequada e portando doenças que os debilitavam cada vez mais. Ainda, as condições climáticas também não eram propícias para a caminhada. Ao longo do trajeto, as pessoas que não conseguiam acompanhar e ficavam para trás eram assassinadas a tiros, e as que não aguentavam as enfermidades e caíam no chão recebiam o mesmo tratamento.

Em Auschwitz, os alemães cumpriam agora ordens de não deixar que seus prisioneiros caíssem nas mãos do inimigo. A SS fez a maioria dos prisioneiros que ainda estavam em Auschwitz - cerca de 58 mil - marcharem no vento gelado e na

neve do inverno Polonês. [...] Os guardas matavam os prisioneiros não só quando não eram mais capazes de acompanhar o ritmo da marcha, mas por terem parado para urinar, ou por se abaixarem para amarrar os sapatos. (Rees, 2020, p. 359 - 360)

Nas narrativas apresentadas pelas duas sobreviventes, podemos analisar as memórias que cada uma delas absorveu deste contexto da Marcha da Morte. Enquanto uma delas conta sua experiência em um dos trens superlotados que transportavam carga com prisioneiros nos tetos, avistando milhares de corpos pelo caminho onde passavam, buscando a todo custo evitar que o que restou de sua família se tornasse um daqueles corpos sem vida, abandonados, ensanguentados e maltrapilhos, sendo surpreendida pelo fato de que foi escolhida para sobreviver mais de uma vez. A outra mulher, em seus relatos descreve os eventos que aconteceram, que influenciaram em sua decisão de que a Marcha da Morte seria o ponto final que ela colocaria naquele martírio, ela firmaria o fim de seu cativeiro, independente do que acontecesse e o que quer que fosse preciso fazer, ela faria para encontrar a liberdade.

Imagem 19 - Fotografia dos prisioneiros de Dachau na marcha da morte



Fonte: Enciclopédia do Holocausto. Disponível em:
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/clandestine-photograph-of-a-death-march>

Entre os capítulos quatro e sete de *A Bailarina de Auschwitz*, Eger expõe o período que participou pela última vez de uma fila de seleção dentro do campo de concentração de

Auschwitz, onde os oficiais nazistas fizeram mais uma divisão dos prisioneiros que ainda estavam aptos a trabalhar. Na estrutura do texto escrito, a todo momento a autora alterna entre os acontecimentos do contexto histórico, as experiências que presenciou no campo e as lembranças de momentos que viveu com sua família, antes de ser aprisionada. Apesar da escolha da estrutura literária, pode-se compreender a segmentação do contexto histórico e a cronologia dos eventos criminosos a que Edith estava exposta, junto de suas lembranças carinhosas de sua família. Descrevendo a última seleção, muitos dos prisioneiros foram tatuados, enquanto outros eram mandados para a fila das pessoas que seriam enviadas para os fornos crematórios em Birkenau e os prisioneiros que seriam utilizados em outros campos fora das fronteiras da Polônia, assim, os que iriam para fora de Auschwitz eram mandados para outra fila que iriam para o campo de Birkenau, mas em direção aos trilhos onde trens os aguardavam.

Buscando assimilar os eventos, contraponto com a obra de Gilbert, onde o autor reúne relatos sobre o Holocausto e uma visão mais abrangente do cenário político da época, conseguimos incorporar uma exposição historiográfica, além dos limites da narrativa das sobreviventes. Neste caso, Gilbert descreve os bombardeios americanos que se iniciaram em meados de 1944, próximos do campo, e o acercamento dos nazistas pela chegada do aviso da iminente punição aos envolvidos na perversidade que foram desvelados a humanidade, assim que as tropas aliadas os alcançassem.

Desta forma, Eger descreve o evento em suas memórias relatadas: “Embarcamos em outro trem, só que dessa vez somos obrigadas a ficar nos tetos dos vagões, com nossos uniformes listrados, chamarizes humanos para desencorajar os ingleses de bombardearem o trem que carrega munição.” (Eger, 2016, p. 66)

Por sua vez, os alemães também tomavam medidas especiais para enfrentar os efeitos dos bombardeamentos. Em 4 de julho, mil judias instaladas nos alojamentos de Auschwitz foram transportadas por trem para Hamburgo, onde trabalhariam na demolição de edifícios demasiado danificados para serem reconstruídos. Em toda a Europa ocupada, trabalhadores escravos eram usados para limpar escombros e reparar estradas e ferrovias. (Gilbert, 2014, p. 698)

Assim, deixando evidente que enquanto os arredores de Auschwitz eram atacados e as tropas se aproximavam, os oficiais nazistas utilizaram a vida das sobreviventes para desencorajar as tropas aliadas de destruírem os trens onde carregavam o item de maior necessidade naquele momento, que se tratava das munições o que, naquela altura da guerra já se tornava um utilitário escasso. Juntando assim, o prazer de ver os sobreviventes em mais

uma situação hostil à necessidade de mão de obra para as funções que ninguém mais faria, assim como transportar a munição aos locais adequados.

Somos arrancadas dos trens de munição numa manhã e caminhamos por dias seguidos. [...] As bombas caem, às vezes perto. Vemos cidades queimando. [...] Não é um campo de concentração. Mas existem dezenas de maneiras de morrer. As valas na lateral das estradas estão vermelhas com o sangue dos que foram baleados nas costas ou no peito, dos que tentaram fugir e dos que não conseguiram acompanhar o ritmo. As pernas de algumas garotas congelam, e elas caem como as árvores derrubadas. Exaustão. Exposição. Febre. Fome. Se os guardas não puxam o gatilho, o corpo se encarrega disso. [...] Vamos trabalhar numa fábrica de munição perto da fronteira tcheca. (Eger, 2019, p. 367 - 369)

Neste trecho do relato, Eger deixa evidente na narrativa a forma como os prisioneiros, mais uma vez enganados pelo discurso de sua utilidade para o trabalho, seguem os comandos dos oficiais nazistas para a longa caminhada que estariam prestes a fazer, expondo-se ao perigo de serem bombardeados, ou como a autora menciona dezenas de outras maneiras de morrer, durante o trajeto. Da mesma forma que fica incontestável a carnificina que foi a caminhada, igualmente compatível com o restante do Holocausto.

Assim como Rees explana em seu livro, os prisioneiros iriam trabalhar sim, no entanto, ao adentrar naquele trem na estação de Birkenau, os prisioneiros iriam ser “levados embora, cruzando a fronteira da Áustria para um destino quase tão horrível quanto Auschwitz.” (Rees, 2020, p. 342). Corroborando com esta afirmação, Eger relata: “Logo estaremos caminhando novamente, rumo a um lugar pior do que qualquer outro que vimos até então. Chegamos a Mauthausen.” (Eger, 2019, p. 75). Deixando evidente para o leitor que os eventos que virão a seguir, os quais uma das sobreviventes foi forçada a passar, serão quase tão chocantes ou talvez mais, quanto o que o leitor já presenciou nas relatos até aquele momento.

Levando em consideração que o campo de extermínio de Dachau serviu de modelo para a implementação do restante dos outros campos, pode ser considerado que o campo de Mauthausen teve sua execução baseado em outros critérios, começando pelo sua função econômica, uma vez que foi construído próximo de uma pedreira de onde, no início era retirado granito pelos prisioneiros de guerra que eram enviados para as instalações. Somente a partir de 1941, o campo começou a receber grandes quantidades de judeus tornando-se um dos mais temidos campos de trabalho do período. A partir daquele momento o campo de Mauthausen passou a executar os prisioneiros por exaustão no trabalho com pesados blocos de pedra, para atender as demandas das empresas com as quais o partido nazista tinha parceria

durante o III Reich. Assemelhando-se com Auschwitz, sendo construída uma câmara de gás, somente no ano de 1942. Conhecido como os “degraus da morte”,

É um campo de concentração masculino em uma pedreira, onde os prisioneiros são obrigados a cortar e carregar o granito que será usado para construir a cidade de fantasia de Hitler, a nova capital da Alemanha, uma nova Berlim. Não vejo nada a não ser degraus e corpos. Os degraus são de pedra branca e se estendem acima e à nossa frente, como se nos levassem ao céu. Os corpos estão por toda parte, em pilhas. Corpos retorcidos e inclinados como pedaços de uma cerca. Corpos tão esqueléticos, desfigurados e emaranhados que mal têm forma humana. (Eger, 2019, p. 75)

Depois de poucos dias da chegada de Edith a Mauthausen, os prisioneiros que ainda viviam também começaram a ser transferidos, segundo Rees um grupo de prisioneiros com aproximadamente vinte pessoas seriam mandados para a cidade de Linz objetivando construir mais um campo. Neste período as forças aliadas já faziam sentir sua presença, influenciando o desenrolar das operações, também de Mauthausen. “Os prisioneiros corriam riscos não apenas pelo tratamento recebido das mãos dos nazistas, mas também devido aos bombardeios Aliados. Pouco tempo depois que Tadeusz chegou ao campo de Linz, bombardeiros americanos alvejaram fábricas militares próximas. De repente, explodiram bombas dentro do campo.” (Rees, 2020, p. 344)²⁵ Mudando novamente o cenário estratégico, Eger mais uma vez é forçada a caminhar uma jornada angustiante, desta vez para o campo de Gunskirchen:

Esperamos por outra seleção que, imaginamos, nos mandará para a morte ou para mais trabalho. [...] Os prisioneiros de Mauthausen, aprendemos, têm que subir 186 degraus carregando um bloco de pedra de 50 quilos desde a pedreira lá embaixo. [...] A noite cai e dormimos nos degraus. [...] Ao raiar do dia a fila começa andar. [...] Então a fila para. Somos levadas para um grupo de guardas da SS num portão. [...] Fomos salvas novamente. Inexplicavelmente. Andamos. Esta é a Marcha da Morte, de Mauthausen para Gunskirchen. É a distância mais curta que fomos forçadas a percorrer, mas estamos tão enfraquecidas a essa altura que somente cem das duas mil prisioneiras sobreviverão. (Eger, 2019, p. 75 - 79)

Considerando que Edith Eger, ao iniciar seu texto deixou claro sua intenção para com a escrita, conforme já mencionado anteriormente. Nos relatos que descrevem a partir do momento em que Edith saiu de Auschwitz, o leitor percebe que em seu discurso a narrativa abandona as memórias impostas pelo trauma e passa a relatar a sua verdade brutal por trás da Marcha da Morte. Se tornando um testemunho da capacidade e da força que uma adolescente cheia de curiosidade foi capaz de enfrentar, abandonando a vergonha ou o medo que trazia de detalhar sua experiência. Assim como, Tedesco descreve em seu texto: “percebemos que os relatos se adensam nos momentos em que as pessoas se recordam das mudanças na trajetória

²⁵ Tadeusz é um sobrevivente cujo relato do curso dos eventos de sua vida durante o Holocausto, e mencionado por Rees.

de suas vidas”. (Tedesco, 2014, p. 197) Neste caso, Eger passa a reconstruir sua história com base nos sentimentos que a marcha lhe trouxe, dando informações mais lapidadas em relação aos acontecimentos.

Ainda no contexto da trágica caminhada, os planos nazistas iam se concretizando à medida que os prisioneiros iam caminhando no vento gelado do inverno europeu. “A cada hora, centenas de garotas caem nas valas dos dois lados da estrada. Fracas demais ou doentes demais para continuar andando, elas são mortas no local.” (Eger, 2019, p. 79) E, ali que permaneciam seus corpos, sem lápides e sem cerimônias, apenas em um catastrófico e eterno descanso imposto pelo intenso período de sofrimento e tortura, que findou com a caminhada de um longo percurso onde carregaram junto de seus corpos maltratados, o medo e a esperança de que no fim da estrada estaria sua ruína ou sua liberdade.

Há sempre um inferno pior. Esta é a nossa recompensa por viver. Quando paramos de caminhar, chegamos a Guns kirchen Lager. É um subcampo de Mauthausen: algumas poucas construções de madeira em uma floresta pantanosa perto de uma aldeia, um campo construído para abrigar centenas de trabalhadores escravos, onde agora se amontoam 18 mil pessoas. Não é um campo de extermínio. Não há câmaras de gás aqui e nem crematório. Mas sem dúvida de que estamos aqui para morrer. (Eger, 2019, p. 81)

Inquestionavelmente, com base nas condições que o número alto de prisioneiros foram largados em Guns kirchen Lager, a autora vislumbra da maneira correta o destino que foi traçado no plano genocida. Ao ser evacuado, Mauthausen, seus subcampos começaram a superlotar espalhando entre os prisioneiros doentes ou não, porém já enfraquecidos, doenças como a tifo e disenteria, o que foi letal para um número considerável de vítimas, mesmo depois de libertos do pesadelo de Guns kirchen. Sob o peso das lembranças, Eger descreve ao leitor uma das mais aterrorizantes cenas, entre os escombros da tragédia, o limite da sobrevivência do ser humano pode ir além do inimaginável:

Já é difícil dizer quem está vivo e quem está morto. A doença passa por dentro e entre os nossos corpos. Tifo. Disenteria. Piolho. Feridas abertas. Carne sobre carne. Apodrecendo em vida. Uma carcaça de cavalo meio consumida. Coma a carne crua. Quem precisa de faca pra cortar a carne? Simplesmente arranque-a dos ossos. Você dorme profundamente com três pessoas nas estruturas de madeira lotada, ou no chão. Se alguém embaixo de você morre, continue dormindo. Ninguém tem força para tirar o morto dali. Uma garota toda encolhida, de tanta fome. Há um pé, negro, apodrecido. Fomos levados para uma floresta fechada e úmida para sermos mortos em uma explosão gigantesca, todos nós pegando fogo. O lugar está todo preparado com bananas de dinamite. Esperamos a explosão que nos consumirá em chamas. Até esse momento chegar existem outros perigos: inanição, febre, doenças. Há apenas vinte latrinas no campo todo. Se você não puder esperar sua vez de defecar, eles atiram em você lá mesmo, onde suas fezes foram depositadas. O lixo entra em combustão. A terra é um lamaçal e, se você tiver forças para andar, seus pés chafurdam em uma polpa que é parte lama, parte merda. (Eger, 2019, p. 81)

Ao longo da história, inúmeras narrativas como essa assomaram as transgressões nazistas, expressando o tamanho da desumanização que fora infligida a outros seres humanos, lançando luz sobre uma característica cruel da natureza humana, a hediondez com que as pessoas podem agir para alcançar e ou manter o poder. Na última tentativa de sobrevivência, e para matar a fome que os consumia, comer a carne de um animal que nunca imaginou-se que serviria de refeição podendo ser mais atroz quando a carne ainda está fresca nos ossos, para um indivíduo contemporâneo que está adepto dos direitos e proteção dos animais, o impacto emocional que o relato provoca no leitor beira a incredulidade.

No entanto, quando o leitor depara-se com eventos dos quais desafiam suas percepções ideológicas, deve-se observar toda a trajetória que foi imposta por terceiros a esses indivíduos famintos, analisando todo o contexto que levou àqueles fins, os quais antropologicamente, destaca a capacidade humana de se adaptar encontrando soluções diante de desafios extremos. O contexto do Holocausto posicionou as vítimas em um estado de desespero tão profundo que nada mais possuía significado, fazendo com que os limites que os seres humanos atinjam em busca da sobrevivência possam sempre ser ultrapassados.

Neste sentido, o consumo da carne de um animal se torna menos repudiada em relação ao alimento que muitos se viram obrigados a consumir, acirrados pelo instinto de sobrevivência que Eger expõe:

Aqui no inferno eu vejo um homem comer carne humana. Será que eu faria isso para salvar a minha vida? Será que consigo colocar na minha boca a pele pendurada nos ossos de uma pessoa e mastigar? Tenho visto a dignidade da carne ser tirada com imperdoável crueldade. [...] Mas olhar alguém passando fome comer a carne de uma pessoa morta faz minha bile subir, escurece minha visão. Não seria capaz. Ainda assim, preciso comer. Preciso comer ou morrerei. Na lama pisoteada cresce grama. Escolher essa folha de grama e não aquela outra. Vou ocupar a minha mente com a escolha. Isso é o que significa escolher. Comer a grama ou comer carne. Comer esta grama ou aquela. (Eger, 2019, p. 83)

Ainda, para a sociedade contemporânea o canibalismo pode ser visto como algo monstruoso ou fora de questão, estigmatizando sociedades e culturas que em algum momento fizeram uso desta prática em diferentes situações do cotidiano, no entanto, atualmente associa-se o termo aceitavelmente com obras de ficção, filmes e documentários, sendo uma conduta repudiada socialmente. Contudo, segundo a teoria da motivação de Abraham Maslow citada por Hesketh, Costa (1980), a manutenção da vida revela aspectos profundos da condição humana, em contextos de extrema escassez de alimentos os seres humanos são condicionados a impulsos primordiais que levam o cérebro humano a suprimir a aversão a certos tipos de alimentos, permitindo a ingestão de substâncias que normalmente se enjeita.

Considerando que Eger se permitiu escolher entre comer carne humana e comer grama, é notório o estado de extrema necessidade de substância que seu corpo se encontrava naquele momento.

Depois de um longo período de hipervigilância que a constante tortura impõe ao indivíduo, estar diante do fim de seu cárcere pode parecer algo difícil de acreditar, a libertação de seu corpo não significa que o indivíduo automaticamente abandonou o medo e a constante sensação de que algo está prestes a acontecer que ameaça sua vida, “a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados.” (Foucault, 1987, p. 37). Neste sentido, fica evidente nos relatos de Eger, a primeira impressão da aproximação dos soldados americanos, a incredulidade diante de sua liberdade:

Gritos me arrancam de um sono que parece a morte. Os gritos devem ser um arauto da morte. Espero pela explosão e pelo calor prometido. Mantenho os olhos fechados e espero queimar. Mas não há explosão. Não há fogo. Abro os olhos e vejo jipes passando devagar pela floresta de pinheiros que esconde o campo da estrada e do céu. ‘Os americanos chegaram! Os americanos estão aqui!’, é o que os moribundos estão gritando. [...] Poderia ser uma alucinação coletiva? [...] Vejo americanos dando cigarros a prisioneiros tão famintos que comeram os cigarros com papel e tudo. [...] Agora sinto a minha mão. Sei que é minha mão porque o soldado está tocando nela. Abro os olhos. [...] Agora ele me carrega e me coloca no chão, de costas, a uma pequena distância dos cadáveres. [...] E agora Magda está ao meu lado na grama. Ela segura sua lata de sardinhas. Sobrevivemos à seleção final. Estamos vivas. Estamos juntas. Estamos livres. (Eger, 2019, p. 83-85)

Assim, Eger descreve suas últimas horas sob cárcere do regime nazista, todavia, após sua libertação ela passou mais alguns anos enclausurada nos efeitos que o período aprisionada provocara em sua mente, afetada pela tortura. O corpo esquelético e desnutrido e a coluna quebrada foi recuperado poucos meses depois que Edith saiu de Gunskirchen, com tratamento médico, repouso e alimentação adequados, entretanto, o estresse pós-traumático que os meses de confinamento provocou em seu subconsciente, precisou ser constantemente recondicionado. Por efeito de sua experiência, Edith decidiu seguir carreira médica, tratando o estresse decorrente dos traumas que seus pacientes sofreram, mas o seu próprio precisou de um dia de visita à Auschwitz para que sua prisão interna fosse tratada.

3.2. Rumo a liberdade

A Marcha da Morte quando imposta a Edith Eva Eger, significou outra possível forma de assassinato estratificado pelo regime nazista. Olga Lengyel, por outro lado, relata, entre os

capítulos vinte e cinco e vinte e sete de *Os fornos de Hitler*, como utilizou a caminhada forçada como primeiro passo para sua fuga, que terminou quando finalmente alcançou sua liberdade. Desde o início do ano de 1944 até a data de 17 de janeiro de 1945, Lengyel relata seu testemunho como uma combinação de memórias pessoais sobre sua prisão com informações detalhadas sobre o funcionamento do campo. Apesar das condições extremas, os relatos de Lengyel demonstram a resistência dos prisioneiros, que assim como ela, decidiram enfrentar as atrocidades com um objetivo em mente, libertar-se fisicamente para expor ao mundo, do que os nazistas foram capazes.

Ao primeiro mês do ano de 1945, Lengyel elevou ao limite sua capacidade de resistir, quando as pessoas que trabalhavam na enfermaria foram convocadas para serem avisados que a evacuação do campo seria em um futuro próximo, Lengyel passou a ponderar seus próximos passos sem nunca abandonar sua natureza altruísta, “Enquanto esperávamos, deixei as fileiras para fazer as últimas rondas hospitalares.” (Lengyel, 2018, p. 215). No entanto, ela não optou em nenhum momento aceitar seu destino, “seria mais sensato ficar escondidas em algum lugar no campo e esperar a libertação, ou sair com o restante das prisioneiras e tentar fugir no caminho? Ambas as opções envolviam perigo.” (Lengyel, 2018, p. 214). Assim, Lengyel optou por seguir as prisioneiras que foram comandadas a evacuar o campo, ainda que tenha reunido toda sua coragem para liderar um ataque ao armazém do campo, antes de sua saída, os perigos do humor volátil dos guardas nazistas e das condições da marcha ainda a espreitava:

Cercadas pelos guardas da SS, fomos conduzidas pela estrada de Auschwitz. Fazia frio e o vento atravessava nossos trapos como facas. Ouviam-se tiros à distância. O disparo de armas pesadas tornou-se mais alto; as explosões pareciam mais perto e ecoavam com rapidez! [...] Os soldados alemães ficaram alarmados. Faziam-nos correios a ponto de não sentir mais frio, com as roupas encharcadas de suor. Os cães, como se farejar o perigo para seus donos, estavam violentamente tensos. Arreganhavam os dentes para nós, pronto para atacar qualquer uma que saísse das fileiras. [...] Algumas horas antes, ansiamos por essa marcha. Agora, enquanto nos arrastamos, nos perguntávamos para onde iríamos. Quais atos cruéis os alemães perpetrariam antes de sermos libertadas? [...] Éramos 6 mil mulheres marchando naquela estrada coberta pela neve. A cada dezena de metros, víamos cadáveres com seus crânios rachados. Outros grupos de prisioneiras haviam nos precedido. Concluimos que os guardas da SS haviam se tornado mais brutais do que nunca. (Lengyel, 2018, p. 219-220)

Inegavelmente, a pressão psicológica que a aproximação das tropas inimigas causava, deixou os ânimos dos membros da SS cada vez mais instáveis. A eventual queda do III Reich significava, também, a queda de cada apoiador da execução da solução final. Mais tarde, ao longo da história a justiça em prol das vidas perdidas durante o Holocausto chegou para boa parte do grupo de nazistas, especialmente para os que faziam a frente da organização dos

campos nos momentos das libertações. A possibilidade de isso acontecer, sem dúvidas tornou-os mais cruéis e decididos a acabar com as provas que os incriminavam, isso inclui as vidas das pessoas que ainda se mantinham prisioneiras no campo.

No primeiro dia, percebi que várias companheiras de prisão ficavam para trás à beira da estrada e pediam permissão para subir numa carroça puxada a cavalo e conduzida por um soldado alemão que acompanhava o grupo. Eu disse a mim mesma que elas estavam certas. Eu deveria fazer o mesmo e poupar minhas forças. Então observei que, de vez em quando, a carroça desaparecia. Quando voltava, as que estavam sentadas não eram mais as mesmas prisioneiras. [...] A tragédia de uma colega médica me fez perceber a terrível realidade. [...] Suas forças começaram a faltar. Ela me pediu para deixá-la no caminho, e que continuasse andando. Insisti em ficar, mas ela não permitiu. [...] De repente, olhei para trás, e vi cinco guardas da SS atrás da fila. O soldado do meio se virou e esticou o braço direito em direção à dra. Rosza, no meio da estrada. Quando ela percebeu o que aquele gesto do alemão significava, cobriu os olhos em horror. Um estalo agudo ecoou. A dra. Rosza caiu morta na estrada. Agora eu sabia qual o destino daquelas que ficassem para trás ou fossem levadas pela carroça. Agora compreendi por que havia 119 cadáveres estendidos na estrada. Contei-os durante a caminhada de vinte minutos. Mas não contei os corpos nas valas dos dois lados da estrada. (Lengyel, 2018, p. 220)

Segundo a obra de Tedesco a memória tende a ser um guardião das experiências passadas tentando manter as informações o mais perto possível das experiências que foram vividas tendo como função principal manter e conservar essas experiências. Enquanto as recordações tendem a dissolvê-las, pelo fato de lembrá-las muitas vezes, o cérebro humano inclina-se para a distorção de informações alterando a memória original. Para Tedesco esses processos se mantêm e acontecem juntos na mente humana. “Memória, esquecimento e recordação convivem, (re)presentam-se, pois ‘a função da memória [...] é a proteção às impressões. A recordação tende a dissolvê-las. A memória é essencialmente conservadora, a recordação é destrutiva’.” (Tedesco, 2014, p. 111). Neste sentido para Foucault as imagens que o indivíduo observa pode ser tão chocante a ponto não ser mais esquecida, “No suplício corporal, o terror era o suporte do exemplo: medo físico, pavor coletivo, imagens que devem ser gravadas na memória dos espectadores, como a marca na face ou no ombro do condenado.” (Foucault, 1987, p. 129). Desta maneira, fica evidente que as memórias que Lengyel relata sobre a perversidade dos guardas da SS que não hesitando em matar quaisquer que fossem as pessoas, chocaram-na a ponto de não serem mais esquecidas, além do mais, tratando-se de uma colega médica que esteve presente na vida de Lengyel durante o aprisionamento e, que se não tivesse ouvido-a, para seguir e deixá-la no caminho, teria a possibilidade de ser ela mais um corpo jogado na estrada. Reunindo assim, memórias vividas sobre a caminhada, atendendo a curiosidade humana sobre os detalhes da perversidade com que os guardas tratavam aqueles que os atrasassem da fuga.

Para concluir, ao se dar conta de que aquela caminhada teria a possibilidade de terminar em seu provável assassinato, assim como tantas outras, Lengyel não escolheu ficar para ver qual seria o desfecho. “Vi que estávamos de fato marchando para a morte. Mais uma vez a possibilidade de fuga começou a fermentar em minha mente.” (Lengyel, 2018, p. 2020). No entanto, sua personalidade generosa não permitia que completasse sua fuga sem levar suas companheiras de jornada junto.

Decidi que eu não deveria ser a única a fugir. Corri até minhas amigas Magda e Lujza e contei-lhes o que tinha visto e o que estava planejando. [...] Nosso grupo de caminhantes passou a primeira noite em um estábulo. Minhas amigas e eu acordamos antes que as outras, porque queríamos ficar no primeiro lugar na fila. Mal havíamos formado nossa fileira, quando as cinco primeiras à nossa frente, lideradas pelos SS, partiram. Gritaram para que parassem, mas esse grupo dissidente continuou em frente. Como resultado, minha amiga e eu nos vimos na primeira fileira da fila principal. Várias prisioneiras polonesas próximas de nós começaram a brigar. O ambiente se tornou insuportável e aumentou minha determinação de fugir. Chamei minhas companheiras, saí da fileira e corri atrás do grupo dissidente. No entanto, elas andavam muito rapidamente e não conseguimos passá-las. Nossa situação agora era grave. Tínhamos queimado todas as pontes atrás de nós. Para onde deveríamos ir? Não podíamos voltar. Como estava escuro, os soldados não perceberam que tínhamos nos afastado, mas viram nossos vultos correndo e gritavam: “Stehen bleiben!” (Fiquem!). (Lengyel, 2018, p. 221)

Seguidos de muitos disparos de armas, Lengyel e suas companheiras ouviram as ordens em coro gritadas pelos guardas e pelo restante das prisioneiras que ficaram, e temiam por suas vidas, acompanhados de muitos xingamentos, até não ouvirem mais nada. “Lamentei por Magda e Lujza. Elas estavam assustadas, mas continuavam me seguindo.” Assim, ela e as outras duas mulheres correram por entre as aldeias polonesas até encontrarem um esconderijo, por sorte os habitantes daquele local, pareciam estar solidarizados com o infortúnio das prisioneiras. “Avistamos a torre de uma igreja. [...] Um homem estava na entrada. Pelos nossos andrajos, percebeu que éramos fugitivas, mas apontou para uma casa. Esse gesto significava que deveríamos encontrar refúgio ali.” (Lengyel, 2018, p. 222).

Considerando que civis sofriam represálias, junto com a invasão dos alemães espalhava-se pelas cidades uma atmosfera de medo e insegurança para os habitantes. Aos que resistiam ou opunham-se era aplicado o mesmo destino que para aqueles que se mostravam opositores ao regime nazista, eram mandados para os campos de concentração considerados inimigos do Terceiro Reich. Próximo do final da guerra, já não era tão viável prender civis que se opunham às ordens nazistas, entretanto, não significava que o castigo para aqueles que fossem pegos abrigando fugitivos, não seria tão pior quanto. Ainda assim, haviam aqueles que não negavam um auxílio aos fugitivos que cruzavam seu caminho, em meio ao medo, proporcionaram abrigos improvisados e alimentação conforme condições, e aqueles que não

se submetiam ao controle do pavor imposto pelos perigos que seguia o séquito nazista. Considerando-as merecedoras de um descanso digno, ao longo do caminho para sua liberdade, ela encontrou ajuda das duas formas:

As patrulhas alemãs, que podem ter visto nossos vultos correndo, foram até o pátio. Mas felizmente procuravam por meninos. A dona da casa disse-lhes que não havia estranhos no local, talvez os guardas tivessem visto seus três filhos. Mesmo assim, os alemães buscaram por toda a casa. Em seguida aproximaram-se do celeiro. Por algum motivo inexplicável, decidiram cancelar a busca, prometendo voltar mais tarde, 3ª noite. Mal tivemos um momento para comemorar nossa boa sorte quando uma criada subiu até o sótão e nos descobriu. O empregador veio atrás dela. Disse que não informaria aos alemães, porém teríamos que sair. [...] Bem cedo na manhã seguinte nosso anfitrião nos despertou. Deveríamos segui-lo até o novo esconderijo. No entanto, ele nos advertiu que, se encontrássemos uma patrulha alemã, ele iria nos ignorar e nós teríamos de fingir não conhecê-lo. Suas palavras de cautela provaram-se úteis. Uma patrulha alemã atravessou nosso caminho. Naquele instante, porém, um rojão, aparentemente do exército russo que se aproximava, irrompeu no ar, e atirou os soldados alemães no chão. Aproveitamos esse segundo para correr até a casa que seria nosso próximo refúgio. O novo hospedeiro nos deixou ficar escondidas no estábulo. No dia seguinte, permitiu-nos ficar no melhor quarto, de dormir. (Lengyel, 2018, p. 222 - 223)

Aparentemente, o desenrolar das situações estavam conforme necessário para Lengyel concretizar sua fuga, mesmo quando foi flagrada por um alemão na cozinha do casal preparando biscoitos em agradecimento. Sem dúvidas, a desconfiança que a presença singular de Lengyel, na casa, reforçou a presença do soldado junto da família por mais momentos, “Vez por outra, me trazia chocolates. Certo dia, chegou com amigos e fez que eu me juntasse a eles em seus jogos de salão.” (Lengyel, 2018, p. 223). Até aquele momento, Lengyel se via em um limiar delicado entre a precariedade de um exemplar da tão desejada liberdade, e a monitoria constante de seu opressor, que a qualquer momento poderia capturá-la novamente. Não demorando muito para acontecer, a sobrevivente se viu encarcerada novamente, desta vez Lengyel foi presa junto com um grande número de mulheres daquela aldeia que a serviu abrigo, mesmo que por um breve momento.

O som dos canhões ficou mais alto. Os russos estavam, sem dúvidas, avançando. Os alemães aquartelados receberam ordens de recuar. [...] Durante a primeira semana, vimos o combate semanal ainda fazer avanços militares. Na semana seguinte, anunciou-se que a Alemanha estava em perigo, mas que “heróis alemães viriam salvá-la”. Uma semana depois, afirmavam que “a Providência salvaria a Alemanha, porque a Alemanha sempre agia em nome da Providência”. Talvez, o destino pretendia que eu, que sobreviveria a um campo de concentração e aos horrores da evacuação, assistisse ao recuo da Wehrmacht vencida. [...] Mas minha alegria durou pouco. Porque, ao baterem em retirada, levaram um grande número de mulheres da aldeia, e eu estava entre as cativas. Por três dias, minhas mãos ficaram amarradas a uma carroça e, como escrava, fui obrigada a acompanhá-los. (Lengyel, 2018, p. 224)

Ao ouvir o som dos canhões mais alto à medida que a tropa do Exército Vermelho aproximava-se, a autora estabelece a circunstância das estratégias nazistas e simboliza a

retirada como uma desintegração das defesas alemãs naquele momento. Ainda no relato da autora, identifica-se o estratagema da propaganda nazista sendo utilizado até o último momento do partido no controle das mídias, tentando manipular a esperança da população e das tropas, em seguida partindo para um apelo da fé e da moral da população, mesmo diante da derrota iminente, característica habitualmente utilizada pelos governos considerados conservadores. O avanço dos russos e conseqüentemente a retirada das tropas alemãs interpretam uma narrativa histórica que se molda a memória coletiva, que segundo Tedesco se trata de uma formação de experiências compartilhadas e que são continuamente lembradas.

Enquanto, a reflexão pessoal de Lengyel demonstra uma triste ironia em relação ao desenrolar dos eventos, onde antes sofrera o inimaginável agora se vira diante da derrota do seu agressor. O que para Tedesco, os testemunhos individuais são peças necessárias para construir uma compreensão mais completa da história, pois eles salientam detalhes da experiência que podem ser ignorados pelas narrativas coletivas. Neste sentido, o testemunho de Lengyel é uma forma de resistência contra o esquecimento da memória individual em relação à multiplicidade de narrativas históricas que tendem a uniformizar e simplificar os eventos, oferecendo uma perspectiva rica de detalhes referentes à experiência humana.

O símbolo de resistência que se transformou na fuga de Lengyel, esteve em volta de um elemento que caracteriza coragem frente às conseqüências que sofreria se fosse flagrada ou talvez se alguma manobra tivesse falhado, considerando que seria decretada sua morte. O decorrer dos eventos mostram que Lengyel foi afortunada em suas ações ou que sua liberdade estava traçada.

Comecei a roer as cordas que atavam minhas mãos. [...] Já era bem tarde quando fui recompensada por ter roído as cordas por três dias, que finalmente caíram dos meus pulsos. Mas minhas gengivas estavam doloridas e sangravam, e meus dentes da frente pareciam ter se quebrado. [...] Tentei sair furtivamente por entre a multidão adormecida, mas o condutor da carroça à qual estava presa se ergueu sobre um cotovelo. Estava bêbado mas lúcido para atirar se acreditasse que eu estaria tentando escapar. Mas era a vida dele ou a minha. Peguei uma garrafa que estava por perto e, com todas as minhas forças, acertei a cabeça dele. O vidro se estilhaçou, e o alemão caiu no chão. [...] A cena do lado de fora na estrada não havia mudado, exceto que talvez houvesse mais soldados alemães em fuga desesperada. [...] Não havia alternativa se não me esconder por entre as casas e tentar ludibriar os soldados. Parecia que estava escondida havia horas quando vi uma mulher. Juntei coragem e falei com ela. Mas os soldados alemães ainda estavam em sua casa e ela não podia me aceitar. No entanto, levou-me até o rio e apontou para uma casa iluminada do outro lado da margem. Era fevereiro. O rio estava cheio de blocos de gelo. E estava amanhecendo. [...] Eu sobrevivera às câmaras de gás; eu sobreviveria ao rio. [...] Naquela mesma noite, porém, as tropas de choque russas tomaram o local. [...] Agora ouvíamos uma nova língua, uma língua estranha, e víamos pessoas que nunca tínhamos visto antes, mas elas nos trouxeram o maior presente que a vida pode nos dar – liberdade! (Lengyel, 2018, p. 225-226)

Em síntese as memórias de resistência relatadas neste trecho, por Olga Lengyel, mais uma vez expressa a capacidade humana de enfrentar situações adversas em busca da sobrevivência, desafiando as consequências de estar frente a frente às câmaras de gás, cujo símbolo é considerado a estampa mais aterrorizante do Holocausto, ou atravessar um rio congelado ao amanhecer arriscando a vida de diversas maneiras, guiando-se pela esperança e pela força em busca da liberdade. Reforça e representa a força interior daqueles que sobreviveram ao Holocausto.

As derrotas reforçadas pelo medo e a incerteza da continuidade da guerra, criou uma atmosfera de desespero e caos entre os nazistas, a iminente derrota levou-os a tomar medidas rápidas e brutais para encobrir seus crimes. O medo de serem capturados e responsabilizados pelos seus atos tornou mais forte e nítido os esforços para eliminar qualquer evidência, tornando suas ações ainda mais fatais. Em meio ao cenário de colapso as primeiras medidas foram a queima dos documentos que os administradores haviam elaborado durante toda a operação para um controle detalhado da fábrica de morte do regime, e em seguida a queima dos fornos crematórios, cuja estrutura elaborada estrategicamente para eliminar em larga escala a matéria-prima que eram os corpos, foi um dos primeiros métodos. Além da destruição dos registros, por último foi “Marcha da Morte” adotada para transferir, ou se fosse bem sucedida, exterminar o restante dos prisioneiros que permaneciam vivos. A longa caminhada por extensas distâncias e em condições extremas, revela a tentativa final de encobrir os crimes e a indiferença absoluta dos guardas da SS, em relação ao sofrimento de outro ser vivo.

O final da guerra não trouxe alívio imediato, mas marcou o início de uma jornada ainda mais extensa em busca da cura para os traumas psicológicos e físicos que os campos de concentração infringiu-lhes. Representando um momento crucial para a memória histórica, pontuando a importância de preservar os testemunhos e os registros dos horrores perpetrados em busca de poder. Delegando a responsabilidade para futuras gerações de compreender a extensão das atrocidades cometidas e a necessidade de vigilância contínua para que tais crimes não se repitam, reforçando o compromisso com a justiça e a humanidade.

Figura 20 - Edith Eva Eger



Fonte: https://www.instagram.com/p/C6l4KYYxKy_/

Figura 21 - Olga Lengyel



Fonte: <https://www.toli.us/toli-in-the-news/olga-lengyel-a-continuing-legacy/>

Considerações finais

A pesquisa apresentada buscou explorar os conceitos de antissemitismo e memória, difundidos nos dois relatos das sobreviventes do campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau durante o Holocausto, concentrando-se nas experiências dos aprisionamentos e nas investidas de sobrevivência das duas mulheres, assim como, a relação entre a última investida nazistas de exterminar o restante dos prisioneiros conhecida como a “Marcha da Morte”, observando como cada uma enfrentou as adversidades do evento de formas distintas e sobreviveram.

A questão do problema judaico ostentado nos esforços da “solução final”, expõe de forma deliberada a representação do conceito de antissemitismo, o que, como discutido ao longo deste trabalho foi a força motriz por trás do Holocausto, resultando nas investidas estruturadas e arquitetadas em um sistema fabril, que produzia a morte das minorias malquistas pela sociedade pura, idealizada para o III Reich. Os relatos das duas sobreviventes exibem a manifestação generalizada do antissemitismo em todas as investidas brutais e desumanizadoras que elas enfrentaram, desde o transporte nos trens adaptados para animais, à despersonalização das vítimas nas filas de seleção, aos fatais trabalhos forçados, até os horrores das câmaras de gás e os fornos crematórios que antes de torná-los pó, esfixiavam-lhes e promovia grande sofrimento e agonia antes da morte.

As memórias relatadas em forma de autobiografia de Olga Lengyel e de Edith Eva Eger, exploram os efeitos do antissemitismo em sua forma mais extrema, edificados em campos de concentração e extermínio, o que torna as sobreviventes uma fonte importante de memórias, essenciais para a compreensão do impacto que o Holocausto aplicou sobre as vítimas, mas mais que isso, sobre a história mundial. As duas mulheres carregaram consigo as marcas e as memórias de um período que precisa ser lembrado e compreendido, para que eventos conduzidos por preconceito e intolerância não sejam reproduzidos futuramente e, no mais importante efeito, que a história não se perca nas narrativas daqueles considerados “vencedores”, expondo também o ponto de vista dos que sofreram consequências.

As narrativas ainda, integram uma perspectiva de resistência através das memórias, mesmo diante das investidas desumanas do partido nazista, de degradar a identidade e a dignidade das vítimas, a memória teve um papel fundamental de manter viva as lembranças de ocasiões felizes passadas com os entes queridos e sentimentos construídos pelas tradições e culturas, e a esperança de sobreviver para contar ao mundo sobre os horrores que foram impostos a elas e ser testemunha da queda de seus agressores. Além disso, a pesquisa

demonstrou que mais que uma narrativa coletiva de uma visão geral para a historiografia, as memórias individuais humanizam as estatísticas e os números coletados para se referir ao contexto histórico.

Neste sentido, para dar início ao texto, no primeiro capítulo foi abordado o contexto histórico que levou a construção dos campos de concentração, cujas edificações foram o cenário principal das atrocidades cometidas a milhões de pessoas. Sendo abordado no segundo capítulo as formas que foi infligido às sobreviventes diversas circunstâncias que aproximaram-nas da morte, e levou muitas outras pessoas a sucumbir diante de tamanha crueldade, trazendo como objeto de análise, os relatos descritos pelas autoras nos dois livros.

O que permitiu examinar as memórias que se conectam com os sentimentos que determinados contextos infringiram as pessoas, como por exemplo: a coragem substancial e momentânea que as lembranças da sua época como dançarina despertaram em Edith Eger, para superar uma circunstância crítica que poderia acarretar em sua morte, ou como Olga Lengyel desenvolve um sentimento de necessidade de justiça ao precisar cometer crimes para salvar a vida de algumas companheiras de martírio. E, por fim, no terceiro capítulo foi abordado a última investida do partido nazista de acabar com o que restava dos indivíduos já desmoralizados pelo métodos de extermínio sofridos pelo período de cárcere, e das provas de seus crimes. O que resultou no início da Marcha da Morte, que desencadeou a trajetória em busca da liberdade. Para Edith simbolizou o alívio de sobreviver novamente, desta vez a Guns kirchen ou os “degraus da morte” e, para Olga Lengyel foi a deixa para que ela perseguisse sua liberdade a qualquer custo.

Para responder o problema desta pesquisa, de como podemos compreender as consequências das diligências nazistas em relação ao tempo que as sobreviventes permaneceram aprisionadas e ao vivenciar a experiência da marcha da morte, é de suma importância recorrer aos relatos de memória, que oferecem um olhar íntimo e pessoal sobre as experiências traumáticas, desenvolvendo uma narrativa própria sobre os fatos, da maneira como cada uma assimilou, disponibilizando um contexto detalhado sobre cada situação. O que nos permite compreender a desumanização sistemática e controlada sofrida pelos prisioneiros, a perda de identidade que o sistema gerou e a constante ameaça de morte. A brutalidade dos guardas dos campos de concentração, o cotidiano insalubre do local e a fome extrema, expostas nos relatos que descrevem as lembranças, enfatiza a perda de dignidade humana e o impacto psicológico devastador, incluindo a culpa por ter sobrevivido em relação a tantas outras pessoas que perderam suas vidas, constituem as memórias das sobreviventes em relação ao período vivido nos campos e a experiência da longa caminhada.

Isso nos dá abertura para uma construção de uma narrativa particular que contribua para a historiografia, atentando para as memórias individuais que completam uma explanação coletiva, podendo compreender de maneira mais meticulosa os eventos que contribuíram para modificações econômicas, sociais e políticas de determinados locais, neste caso, de como se desenrolou as estruturas da Europa do século XX. Neste sentido, o aprisionamento e as marchas da morte relatados pelas sobreviventes, são testemunhos que documentam a crueldade cometida, que desumanizam indivíduos que possuíam vidas, famílias, pensamentos, sentimentos e que acabaram por perder tudo, em decorrência dos atos de terceiros que idealizaram discursos de poder e de ódio, e que arquitetaram uma nação perfeita porém utópica.

As autobiografias foram leituras de lazer que causaram comoção significativa, a ponto de se tornar um objeto de pesquisa. Considerando as particularidades das escritas, o livro *Os fornos de Hitler* se sobressaiu em relação ao segundo, pelo fato de ser um testemunho que contém mais detalhadamente a operação do campo, os métodos e os nomes de envolvidos na administração de Auschwitz, o que para um historiador e pesquisador se torna uma fonte de pesquisa rica em informações e que satisfaz a curiosidade de um entusiasta pela história da humanidade, assim como, a admiração que causou, a determinação da autora de levar seu testemunho para a humanidade em busca de uma forma de justiça e para dar voz àqueles que não puderam fazer. Enquanto, *A Bailarina de Auschwitz* é um exemplar de livro que conta a história da vida de uma psicóloga especializada em estresse pós-traumático, cuja profissão se deu pela própria trajetória e, que contém uma fonte farta de eventos e análises que contribuem para o encorajamento à resiliência do leitor, diante de situações adversas.

Por fim, esses relatos são documentos que testemunham a capacidade de resiliência e de ressignificar situações em busca de progressos e de justiça. Ao refletir sobre esses relatos, devemos honrar as memórias das vítimas e refletir sobre a capacidade humana de ultrapassar limites de crueldade e para própria sobrevivência, desbravando a força inimaginável que cada indivíduo possui. Por meio dos relatos de memória, temos acesso a um vislumbre do passado que nos permite compreender as consequências dos horrores da guerra e a importância de preservar a dignidade do outro, e de aprender com os erros do passado para não repeti-los futuramente.

Fontes

EGER, Edith Eva. *A Bailarina de Auschwitz*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. ISBN 978-85-431-0724-0

LENGYEL, Olga. *Os fornos de Hitler*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. ISBN 978-85-422-1428-4

Referências

- ABAL, Felipe Cittolin. *Altas Cortes. Criminosos Nazista. O processo decisório em uma análise histórico-jurídica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. Formato e-pdf Kindle.
- ARAÚJO, Josefa Monteiro de. *Nas Fronteiras da História: uma análise do discurso de Hitler (1933 - 1934 - 1938)*. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. 1ª ed. Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar editora, 1998.
- BOBBIO, Norberto. Matteucci, Nicola. Pasquino, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BRASIL, History Channel. *Por que a frase “O trabalho liberta” causa tanta indignação?* History channel. 2020. Disponível em: <https://www.canalhistory.com.br/historia-geral/por-que-frase-o-trabalho-liberta-causa-tanta-indignacao>.
- COSTA, Bruno Pereira. *Origem e princípios do socialismo*. UniAtenas. Paracatu - MG, 2008.
- COUTO, Joaquim Miguel. HACKL, Gilberto. *Hjalmar Schacht e a economia alemã (1920-1950)*. Campinas - SP: Economia e sociedade, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642810>
- EGER, Edith Eva. *Dr.editheger*. Galeria Instagram. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6l4KYYxKy_. Acesso em: 11 jun. 2024.
- FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). *O século XX*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GALLE, Helmut. *Os escritos autobiográficos de Josef Mengele*. Revista Estudos Avançados. FFLCH - USP, 2011.
- GAZIER, Bernard. *A Crise de 1929*. 1 ed. L&PM pocket, 2009. Formato e-pub.
- GERWARTH, Robert. *O carrasco de Hitler. A vida de Reinhard Heydrich. O supervisor da Solução Final para a Questão Judaica e a Origem do Holocausto*. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013. Formato e-book Kindle.
- GILBERT, Martín. *A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- GONÇALVES, Williams da Silva, *A Segunda Guerra Mundial*. In: FILHO, Daniel Aarão.
- HEINSFELD, Adelar. *O século XIX. Um panorama das Relações Internacionais*. 1ª ed. São Paulo - SP: Perse, 2022.

- GONZALEZ, Pablo. *Símbolo do Holocausto, libertação de Auschwitz completa 75 anos*. Brasil de fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/27/simbolo-do-holocausto-libertacao-de-auschwitz-completa-75-anos>.
- HESKETH, José Luiz. COSTA, Maria T. P. M. Construção de um instrumento para medida de satisfação no trabalho. Revista Adm. Emp. Scielo. Rio de Janeiro: 1980. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wRPK5jffJpKHwrxcsj4M7tf/?format=pdf>. Acesso em: 24 mai. 2024.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. Brasília - DF: Do Carmo, 2016. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=-q7tDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA8&dq=adolf+hitler&ots=U7LUeeaFhi&sig=xEiknhCRRM-j3YhqI_8uBgLctPk#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 01 mar. 2024.
- HITLER, Adolf: *Um guia completo da vida do ditador mais cruel de todos os tempos*. Editora Book Brothers, 2019. Formato e-book Kindle.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos*. O breve século XX. 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, James. *Maior que Hermann Göring*. Historynet. 2016. Disponível em: <https://www.historynet.com/larger-than-life-the-infamous-hermann-goring/>.
- KONIG, Nanette Blitz. *Eu sobrevivi ao Holocausto*. 1ª ed. São Paulo: TRGD, 2018. Pág. 130.
- LIBERTADORES Aliados. *Libertação de Gunskirchen Lager*. Jewish Virtual Library, 2019. Disponível em: https://www.jewishvirtuallibrary.org/liberation-of-gunskirchen-lager#google_vignette. Acesso em: 9 fev. 2024.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas -SP: editora da UNICAMP, 1990.
- LOWER, Wendy. *"As Mulheres do Nazismo"*. Editora Rocco, 2014.
- MACHADO, Larissa Martins. *A Propaganda Política na construção da imagem de Adolf Hitler*. Goiás: PUC GO, 2021.
- MICHEL, Henri. *Os Fascismos*. Lisboa: Presses Universitaires de France, 1977.
- OLMI, Alba. *Memória do Holocausto: uma categoria literaria de testemunho*. Santa Cruz do Sul - RS. Signo: UNISC, 2015.
- Origem do pensamento socialista. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/_8__ORIGEM_E_PRINCIPIOS_DO_SOCIALISMO__BRUNO_PEREIRA_COSTA____.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

VIGEVANI, Tullo. *A Segunda Guerra Mundial: o ambiente internacional que ameaça a paz, gera a guerra e desencadeia o genocídio*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1995.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas. SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

PEREIRA, Joseane. *Fracasso e alvo de chacota: a verdadeira imagem de Adolf na Primeira Guerra Mundial*. Aventuras na História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-falsa-imagem-do-fuhrer-na-prim-eira-guerra-mundial.phtml>.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Império das Imagens de Hitler: O projeto de extensão internacional do molde de cinema nazista na Europa e na América Latina (1933-1955)*. São Paulo: USP, 2008.

PREVIDELLI, Fábio. *Aliada do Führer: as atrocidades de Irma Grese, a cadela de Belsen*. Aventuras da História. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-irma-grase-as-atrocidades-da-cadela-de-belsen.phtml>. Acesso em: 11 jun. 2024.

REES, Laurence. *Holocausto*. Uma Nova História. 2ª ed. São Paulo: Vestígio, 2020.

SCHILLING, Voltaire. *Holocausto*. Das origens do povo judeu ao genocídio nazista. 1ª ed. Porto Alegre - RS: Age, 2016. Formato e-book Kindle.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura e Trauma*. História como trauma. 3ª ed. Unicamp, 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed. São Paulo - SP: contexto, 2009.

SILVA, Luiz Antônio da. *Natureza humana e a justificação do Estado em Thomas Hobbes*. 11ª ed. Athenas: FDCL, 2013.

SOUZA, Viviane. *A memória traumática da tortura*. Contribuições do debate acadêmico para as possibilidades de reabilitação e esquecimento. Bahia: Universidade Federal de Recôncavo da Bahia, 2013.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória*. Temporalidades, experiências e narração. 2ª ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

TOLI. INSTITUTO OLGA LENGYEL DE ESTUDOS DO HOLOCAUSTO E DIREITOS HUMANOS. *Olga Lengyel: um legado contínuo*. 2021. Disponível em: <https://www.toli.us/toli-in-the-news/olga-lengyel-a-continuing-legacy/>.

TRESPACH, Rodrigo. *Rudolf Höss: O sádico comandante de Auschwitz*. Aventuras da História. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/rudolf-hoss-o-comandante-de-auschwitz.phtml>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. As Leis de Nuremberg. Álbum de fotografia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/nuremberg-laws-photographs?parent=pt-br%2F11475>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Propaganda e censura nazista. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda-and-censorship>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Anti-semitismo. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/antisemitism-photographs>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Dachau: Fotografia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/dachau-photograph>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Fotografias e mapas de Auschwitz. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/aerial-photograph-of-auschwitz-birkenau>

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Fotografias e mapas de Auschwitz. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/aerial-photograph-of-auschwitz-iii>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Reinhard Heydrich: em profundidade. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/reinhard-heydrich-in-depth>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Fotografias. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/human-remains-found-in-the-dachau-concentration-camp-crematorium-after-liberation>.

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Fotografias. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/human-remains-found-in-the-dachau-con>

centration-camp-crematorium-after-liberation

US HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Enciclopédia Do Holocausto. Fotografias.

Disponível

em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/auschwitz-photographs?parent=pt-br%2>

F3673

WEBER, Max. *O espírito do capitalismo*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.